



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES- CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BULLYING ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES
A RESPEITO DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB

Campina Grande – PB

2022

Thamiris Porto Vasconcelos

BULLYING ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES
A RESPEITO DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande-
UFCG. Orientador: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva

Campina Grande-PB

2022

V331b Vasconcelos, Thamiris Porto.
Bullying escolar: uma análise das narrativas dos professores a respeito da prática de violência física e simbólica nas escolas públicas de Campina Grande-PB / Thamiris Porto Vasconcelos. - Campina Grande, 2022.
107 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva."
Referências.

1. Bullying. 2. Escola. 3. Violência. I. Silva, Vanderlan Francisco.
II. Título.

CDU 37.06:394.94(043)

CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA ITAPUANA SOARES DIAS GONÇALVES CRB-1593



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

THAMIRIS PORTO VASCONCELOS

BULLYING ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS
NARRATIVAS DOS PROFESSORES A RESPEITO
DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA FÍSICA E
SIMBÓLICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE
CAMPINA GRANDE-PB

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais como
pré-requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 23/03/2022

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva - PPGCS/UFCG
Orientador

Prof. Dr. José Ferreira Júnior - PÓS-DOC/PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella - PPGA/UFPB
Examinador Externo



Documento assinado eletronicamente por **VANDERLAN FRANCISCO DA SILVA, PROFESSOR**, em 23/03/2022, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSÉ FERREIRA JÚNIOR, Usuário Externo**, em 23/03/2022, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **2199902** e o código CRC **255C93FD**.

A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.

(Jean-Paul Sartre)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter tido determinação para percorrer todo este processo. É Ele a minha fonte de inspiração, de força e perseverança.

À toda minha família pelo apoio e motivação durante a minha caminhada, em especial, aos meus pais, Maria Aparecida Porto dos Santos e Ednaldo Pereira dos Santos, por sempre me motivarem e me mostrarem a importância do estudo. Gratidão a eles que sempre torceram por mim e que vibram por cada uma das minhas conquistas. Amo muito vocês.

Aos meus queridos irmãos, Thaíse Jordânia Porto dos Santos e Isaque Porto dos Santos, pela motivação no alcance dos meus sonhos e por sempre torcerem por mim.

Ao meu amado esposo, Ícaro Vasconcelos Souza, pelo apoio e incentivo durante todo este processo, por me dar forças e me encorajar a alçar novos voos, pelo amor e paciência dedicadas a mim cotidianamente.

Ao meu orientador e amigo, Vanderlan Francisco da Silva, por toda dedicação e ensinamentos direcionamos a mim. Por apoiar as minhas escolhas, por me encorajar e por toda paciência dedicada durante esse processo. Sem a sua ajuda não teria chegado tão longe. Obrigada!

Aos professores participantes dessa pesquisa que se dispuseram a contribuir nesse trabalho e que por isso, foram essenciais para o desabrochar dessa pesquisa.

Aos professores presentes na banca examinadora de qualificação, Dr. José Ferreira Júnior e Dr. Marco Aurélio Paz Tella, pelos ensinamentos e pelas inúmeras contribuições que enriqueceram ainda mais o meu trabalho.

Ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pelo acompanhamento e aporte durante todo esse percurso.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Ao grupo de pesquisa SOCIATOS pelo compartilhamento de conhecimento, pela parceria, pelo apoio dado, e sobretudo, pelas contribuições na minha formação.

Ao meu gatinho, Boris, que sempre esteve presente durante os meus estudos e que foi responsável por me animar nos momentos mais difíceis.

Aos meus colegas de mestrado, que mesmo diante da pandemia se fizeram presentes, compartilhando ideias e conhecimentos.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim.

Á todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a minha formação, meu muito obrigada!

RESUMO

Atualmente, a temática sobre *bullying* escolar tem sido alvo de diversas discussões, pois sua prática tem sido recorrente em todo o mundo. No Brasil, os debates acerca dessa questão vem ganhando espaço, já que se trata de uma triste realidade que assola a sociedade brasileira. Compreendendo que o *bullying* é caracterizado por um conjunto de práticas violentas que tem como função humilhar, intimidar e traumatizar a vítima e considerando que sua prática ocorre principalmente no ambiente escolar, seu combate tem sido um desafio, pois a escola perpassa a vida social de todo indivíduo em algum momento, podendo ela produzir consequências diversas. A presente pesquisa tem como objetivo analisar a ocorrência do *bullying* escolar a partir das narrativas de professores de escolas públicas, tendo como *locus* a cidade de Campina Grande no estado da Paraíba. Através desse estudo, objetivamos entender de que forma esse fenômeno é visto e interpretado pelos professores, bem como analisar as formas que estes profissionais, de diferentes instituições, lidam com esse tipo de prática em seu cotidiano. Dessa forma, intentamos fomentar discussões acerca de uma temática que é tão importante ser entendida como sendo um problema social vigente, uma vez que, em vários âmbitos é ainda mal interpretada e até mesmo incompreendida.

Palavras-chave: *Bullying*, escola, violência.

ABSTRACT

Nowadays, the point of school bullying has been the subject of several discussions, as its practice has been recurrent around the world. In Brazil, the debates on this issue have been increasing, since it is a sad reality that desolates the Brazilian society. Understanding that bullying is characterized by a set of violent practices whose function is to humiliate, intimidate and traumatize the victim, and considering that its practice occurs mainly in the school environment, its combat has been a challenge, as the school permeates the social life of every individual at some point, and it can produce different consequences. The present research aims to analyze the occurrence of school bullying from the narratives of public school teachers, having as locus the city of Campina Grande in the state of Paraíba. Through this study, we aim to understand how this phenomenon is seen and interpreted by teachers, and also analyze the ways in which these professionals, from different institutions, deal with this type of practice in their daily lives. Therefore, we intend to promote discussions about a theme that is so important to be understood as a current social problem mainly because, in several areas, it is still misinterpreted and even misunderstood.

Key-words: *Bullying*; school; Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1.....	17
Considerações Sobre a Violência	17
1.1 Os tipos de violência.....	20
1.1.1 A violência no ambiente escolar;.....	22
1.2 Considerações sobre o <i>Bullying</i>;	28
1.2.1 As várias faces da expressão do <i>Bullying</i>;	32
1.2.2 Atores e atrizes, na prática do <i>Bullying</i>;	34
CAPÍTULO 2.....	39
A escola como espaço de disseminação da prática do <i>bullying</i>.....	39
2.1 Caracterização da pesquisa;.....	44
2.2 O contexto da pesquisa	47
2.3 Os participantes da pesquisa.....	49
2.4 O procedimento de coleta de dados	50
2.5 Categorias de Análise.....	52
CAPÍTULO 3.....	54
O <i>bullying</i> a partir da visão dos professores de escolas distintas;.....	54
3.1 O contato com os participantes da pesquisa	54
3.2 Percepções dos professores de Campina Grande sobre o <i>bullying</i>	56
3.3 Fatores causadores do <i>Bullying</i> na visão dos professores.....	73
3.4 As escolas e os professores estão preparados para enfrentar o <i>bullying</i>?	78
3.5 Resultados dos dados coletados.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICES.....	99
Apêndice 1: Convite aos professores para participação na pesquisa sobre bullying.....	99
Apêndice 2: Roteiro de entrevistas.....	100
Apêndice 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	101
ANEXOS	104
Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP.....	104

INTRODUÇÃO

Ultimamente a temática sobre violência tem sido bastante debatida e propagada na mídia, sendo muitas vezes um dos principais temas de reportagens e debates no meio acadêmico, evidenciando que a sociedade e suas relações são compostas por conflitos que, em sua maioria, são marcados pela violência em suas diversas facetas.

Esse crescente interesse acerca da temática da violência deve-se ao fato de que, atualmente, temos visto um aumento considerável da prática de violência nos diferentes espaços sociais, o que nos faz refletir sobre essa realidade que de tão presente se torna preocupante, já que “os conflitos e violências são observados como estranhos e/ou patológicos” (SILVA, 2008, p.73).

Na literatura acerca da violência, alguns autores relacionam o conceito de violência com o de poder, exemplo disso é Hannah Arendt (1985) quando se refere a prática de violência como sendo uma manifestação de poder presente nas relações dos indivíduos. Tal constatação é feita também por Silva (2008) quando se refere a violência como sendo uma expressão de poder. Em “O poder simbólico” Bourdieu (1989, p.11) também se refere ao poder como sendo um instrumento de dominação que muitas vezes se apresenta de maneira invisível (poder simbólico) mas que cumpre o papel de “assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica)”, dessa forma, nos fazendo entender também que na visão do referido autor a violência também está atrelada ao poder. O poder é um conceito que tem sido muito discutido, tendo em vista que toda relação social é baseada em relações de poder, levando em consideração esse conceito tal como é abordado por Weber (2004).

As instituições sociais que compõem a nossa sociedade são marcadas por relações entre indivíduos diversos que estão em constante conflito e que não estão livres da violência, pois “a violência está presente em todo o tecido social” (PEREIRA, 2009, p.22). A escola, instituição que tem um importante papel na sociedade, caracterizada por inserir o indivíduo na vida social, por educar e transmitir os valores sociais, também não está isenta da violência. De acordo com Abramovay (2002, p.69), “a violência na escola tornou-se um tema cotidiano, um importante objetivo de reflexão das autoridades e um foco de notícia na imprensa” e dentre os variados tipos de violência que se apresentam no

ambiente escolar é também nela um dos locais onde se produz um tipo específico de violência, o *bullying*.

Conforme aponta Fante (2018, p.44), “o bullying é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola”. Foi em 1970 na Suécia, que começou a surgir o interesse de parte da sociedade acerca do problema presente entre agressor e vítima se estendendo depois para os países escandinavos, que durante muitos anos começaram a demonstrar preocupação frente a esse fenômeno, principalmente após serem veiculadas notícias graves, como o suicídio de três crianças na Noruega, ato que foi motivado por situações de maus-tratos a que essas crianças eram submetidas pelos companheiros de escola.

O termo *bullying* foi cunhado por Dan Olweus (1994) para caracterizar um conjunto de atos violentos praticados constantemente no ambiente escolar. Ademais, este termo tem ganhado visibilidade no Brasil nos últimos tempos, pois sua ocorrência tem sido constante no país.

Considerando que, para o referido autor, o *bullying* é caracterizado pelo “ato de intimidação exposta a uma pessoa repetidamente e por muito tempo” podemos compreendê-lo como sendo um problema social que vem afetando a vida de muitas pessoas e trazendo, por conseguinte, prejuízos sociais e de aprendizagem para a vida destas. Afirmamos que esta prática tem sido uma das preocupações da contemporaneidade, principalmente por esse fenômeno se apresentar de maneira frequente no ambiente escolar, dado o fato de que “a escola é considerada como instituição privilegiada para a formação de crianças, adolescentes e jovens, segundo uma perspectiva cidadã e democrática, na qual as relações que se estabelecem entre os sujeitos têm papel determinante” (ABRAMOVAY, 2012, p. 15). Dessa forma, as interações presentes nesse meio adquirem um importante papel na vida dos indivíduos, pois a construção de relacionamentos harmoniosos é capaz de instigar o interesse do aluno para com o universo escolar, possibilitando um melhor desenvolvimento do mesmo.

Essas interações são, sobretudo, plurais e multifacetadas já que estas podem ser conflituosas ou harmônicas, compostas por aspectos de conflito e amizade, e podem ser negativas e positivas (ABRAMOVAY, 2012, p.17).

O *bullying* é um fenômeno que ainda parece ser desconhecido para boa parte da sociedade brasileira que ainda observa o comportamento agressivo no meio escolar como sendo algo “normal” entre crianças e adolescentes, não sendo percebido como uma prática violenta que traz diversas consequências negativas para a vida dos indivíduos. Segundo

Carneiro (2018), a instituição escolar e familiar ainda não dá a atenção devida à prática do *bullying*, levando a crer que “são brincadeiras que acontecem cotidianamente na relação desses alunos”. (CARNEIRO, 2018, p.7)

Dessa forma, o *bullying* é um fenômeno que merece reflexão e debate, já que se trata de um tipo de violência e por violência¹ entendemos todo efeito ou ação que envolva intimidação moral, física, psíquica ou sexual, dessa forma fazendo-se do *bullying*, fruto de preocupação atualmente.

O desejo de realização dessa pesquisa vem, a priori, da minha experiência como professora tanto em uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande, quanto em uma escola particular na cidade de Esperança, ambas de ensino fundamental na qual tive oportunidade de lecionar do 1º ao 9º durante dois anos, onde eu tive a chance de observar as diferentes relações entre os indivíduos que as compõem e a maneira como os professores lidam com a prática do *bullying*, bem como das leituras realizadas sobre a temática que me comoveram e geraram o desejo de me debruçar acerca desse tema e fomentar discussões sobre a violência no ambiente escolar, que de tão presente se faz necessária sua discussão.

Na presente pesquisa temos como objetivo geral analisar a ocorrência do *bullying* a partir das narrativas dos professores das escolas públicas de Campina Grande. No que concerne aos objetivos específicos, buscamos: Compreender de que forma os professores das respectivas escolas entendem o *bullying*; investigar a maneira que o *bullying* é tratado nas referidas escolas; verificar os principais fatores que levam a ocorrência do *bullying* no ambiente escolar.

Assim, são vários os questionamentos que nos motivaram a realização dessa pesquisa, nela buscamos responder a partir da visão dos professores: Com qual frequência ocorre a prática do *bullying* nas escolas de Campina Grande-PB? Como os docentes entendem o fenômeno *bullying*? Quais são os principais fatores causadores dessa prática no ambiente escolar? Como os professores agem frente a essa problemática? Para a partir desses questionamentos alcançarmos os objetivos da nossa pesquisa.

Para fim de verificação e levantamento de dados, foi proposto a aplicação de entrevistas individuais tendo como público-alvo os professores de diferentes escolas do

¹ Para descrever o que entendemos por violência usamos como referência o livro “Gênero, patriarcado, violência” da autora Heleieth Saffioti onde ela traz diversas contribuições sobre o referido conceito.

município de Campina Grande. As entrevistas foram realizadas de maneira remota, tendo em vista o momento atípico pelo qual o mundo está passando, que é a Pandemia da COVID-19², a qual impossibilitou a realização de entrevistas presenciais, já que nesse momento estamos buscando o mínimo de contato físico possível para que os casos da doença possam ser reduzidos.

Assim, para alcançarmos os objetivos dessa pesquisa, desenvolvemos e dividimos a nossa reflexão em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos as Considerações sobre a violência, nele buscamos discutir o conceito de violência de maneira geral a partir da contribuição de importantes autores, discorreremos também acerca do conceito de poder que está, de acordo com os autores que elencamos, relacionado ao conceito de violência. Buscamos também falar de maneira breve acerca dos tipos de violência e além disso, trazemos também o debate sobre a representação desse conceito no ambiente escolar, apontando um tipo específico de violência presente nesse ambiente, o qual é nomeado de *bullying*. Ainda nesse capítulo, trazemos as principais considerações sobre o *bullying*, discorreremos sobre as várias faces dessa expressão e falamos também acerca dos atores e atrizes presentes nessa prática.

No segundo capítulo, tratamos da escola como espaço de disseminação da prática do *bullying*, nele falamos um pouco mais acerca da presença desse fenômeno no espaço escolar. Além disso, trazemos uma breve discussão acerca da divergência presente entre a violência na escola e a violência da escola. Ainda nesse capítulo, falamos sobre o nosso percurso metodológico, caracterizando a pesquisa, descrevendo seu contexto, discorrendo acerca dos participantes da pesquisa, apresentando o caminho percorrido para atingir os objetivos dela, bem como as dificuldades encontradas nesse percurso.

No terceiro capítulo, falamos sobre o *bullying* a partir das narrativas e das percepções dos professores de diferentes escolas da cidade de Campina Grande, onde apresentamos os primeiros contatos com os participantes da pesquisa e discorreremos sobre suas visões acerca do *bullying*, dos fatores causadores da prática do *bullying*, bem como

² COVID-19 é o nome dado ao novo coronavírus que é um vírus identificado como causador de uma nova virose que foi inicialmente observado em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, mas que se espalhou de maneira exponencial sendo declarado em março de 2020 pela OMS a situação de pandemia, visto que foi observado casos da doença em todos os continentes.

sobre seus modos de agir frente a esse problema. Em seguida, realizamos a análise dos dados coletados e apresentamos os resultados da nossa pesquisa. Por fim, trazemos as considerações finais do nosso estudo.

Dessa forma, nesta pesquisa, trabalhamos a partir das contribuições Heleieth Saffioti (2004), Erving Goffman (1891), Danilo Martucelli (1999), Marilena Chaui (2011), Hannah Arendt (1985) e Vanderlan Silva (2008), os quais trazem considerações acerca da violência, suas formas e maneiras de se apresentar nas instituições sociais. Trouxemos o conceito de poder a partir das discussões presentes nas obras de Pierre Bourdieu (1989), Max Weber (2004), entre outros autores. Trabalhamos também com as reflexões de Miriam Abramovay (2002), Dan Olweus (1994), Cléo Fante (2018), Núbia Célia Carneiro (2018), Sônia Maria de Souza Pereira (2009), Manzini e Branco (2017), Éric Debarbieux e Catherine Blaya (2002), que trazem inúmeras contribuições acerca do bullying, de sua prática e das formas de intervenção.

Além disso, a nossa pesquisa também se constitui pelas contribuições que os participantes de nossa pesquisa dão sobre o fenômeno estudado a partir das entrevistas realizadas com eles, os quais tem uma visão privilegiada acerca do fenômeno estudado que muito pode contribuir para a reflexões acerca da presente temática. Assim, percebemos que nossa pesquisa traz diversas contribuições sobre o *bullying*, bem como possibilidades de reflexão, ação e enfrentamento diante de uma problemática tão presente na contemporaneidade, nos dando ferramentas para repensarmos e criarmos novas formas de combate.

CAPÍTULO 1

Considerações Sobre a Violência

A temática da violência sempre foi um assunto constante na sociedade, posto que ela está presente em suas mais variadas formas, não se isentando em nenhum âmbito social e conforme aponta Pereira (2009, p.13) “estamos expostos à sua influência a todo instante; no trânsito, nos transportes públicos, nos bares, na nossa casa, enfim, em todos os ambientes”. Todavia, o que temos observado é um aumento significativo dos índices de violência podendo isso ser explicado pela forma como a sociedade tem lidado com as mais diversas práticas de violência atualmente, pois segundo Silva (2008, p. 72) “o que se observa é que a sociedade contemporânea se tornou menos tolerante no trato com algumas formas de violência, daí terem aumentado os índices de denúncias públicas de tais expressões de poder”.

A permanência e o crescimento da violência têm preocupado grande parte da sociedade brasileira, pois sua prática prejudica as relações humanas e vem sendo cada vez mais crescente, estabelecendo uma relação significativa na vida dos indivíduos (Carneiro, 2018, p.11). Assim, discutir a temática da violência é sempre um desafio, já que se trata de uma temática complexa, que é estudada e abordada nos mais diferentes meios sociais e que é responsável por abarcar inúmeras definições e modos de se manifestar na sociedade atual.

No artigo intitulado de “Ética e Violência no Brasil” a autora Marilena Chaui traz importantes considerações acerca da palavra violência, definindo-a e enumerando seus significados. Diz ela:

A palavra violência vem do latim vis, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUI, 2011, p.379)

No mesmo artigo a autora faz um paralelo do conceito de violência com o conceito de ética, mostrando que “a violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos” (CHAUI, 2011, p.379).

Uma outra autora que traz a definição do conceito de violência de forma mais objetiva porém não menos importante, é Saffioti (2004, p.17) a qual define violência como sendo no entendimento popular “uma ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”, mostrando que a violência pode se apresentar de diversas formas, assim como atingir diversos âmbitos sociais acarretando em problemas diversos na vida dos indivíduos.

No livro “Da violência”, a autora Hannah Arendt faz uma relação entre a violência e o poder, onde ela mostra a violência como sendo uma manifestação de poder, pois, segundo a referida autora “o poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos”. Nesse mesmo caminho, Silva (2008, p.71) refere-se à violência como sendo “uma expressão da força, do poder social, que procura, simbólica ou fisicamente, assegurar o domínio de uns sobre outros”, portanto violentar para o referido autor “significa fazer uso de um poder social para afirmar ou reafirmar uma ordem social predominante”.

O poder conforme expõe Weber (2004, p.188) diz respeito a “possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas”, sendo assim o poder se estabelece quando um determinado indivíduo deseja exercer sua vontade em uma relação social independente do desejo do outro presente na relação.

A relação que há entre a violência e o poder está presente nas mais variadas relações entre os indivíduos, porém o poder que é exercido e que muitas vezes vem acompanhado de violência passa despercebido, seria então o que Pierre Bourdieu (1989, p. 7-8) chamou de poder simbólico, que ele define como sendo um “poder invisível o qual é exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar além da alternativa dos modelos enérgicos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de

transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêncio aparente de energia. (BOURDIEU, 1989, p. 15)

Contudo, embora a violência e o poder se apresentem juntos, são manifestações antagônicas, já que segundo Arendt (1985, p.30) “o poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder.”.

Assim, há diversas definições e relações no que se refere ao conceito de violência, nós compartilhamos da concepção de alguns dos autores aqui tratados que se referem a esse conceito de violência como sendo a imposição da vontade de um indivíduo perante outros, essa imposição pode se estabelecer por meio do uso da força física ou mesmo por meio da intimidação que força o indivíduo vitimado a realizar algo que vai contra a sua vontade. O fato é que, a violência envolve uma pluralidade de formas e de maneiras de se manifestar que não se restringem apenas a forma física.

Contudo, ambas as definições expostas anteriormente sobre a violência trazem contribuições para o entendimento desse fenômeno que atinge todas as esferas da sociedade, porém, de acordo com Chauí (2011, p.383) “a mitologia e os procedimentos ideológicos fazem com que a violência que estrutura e organiza as relações sociais brasileiras não possa ser percebida e, por não ser percebida, é naturalizada, sendo que essa naturalização conserva a mitologia da não-violência”.

Essa violência que passa despercebida, invisível aos olhos, acaba trazendo mais danos as pessoas acometidas, criando um ambiente hostil, pois segundo Carneiro (2018, p. 20) “qualquer forma de violência é um ato não saudável” e por não ser saudável pode trazer diversas consequências negativas para as relações sociais.

De acordo com Pereira (2009, p.21-22) “a violência está presente em todas as camadas sociais” e ainda segundo a mesma autora, “a violência não é mais exclusividade de nenhuma classe social, mas sim está disseminada em todo o tecido social”, contudo, embora concordemos que a violência esteja presente em todas as camadas sociais, como apontou a referida autora, acreditamos que ela se apresenta de maneira ainda mais

acentuada nas classes mais desfavorecidas, levando em consideração os preconceitos que rondam a sociedade atual e que são capazes de incitar ainda mais a violência, sendo assim, se faz necessário, conforme aponta Martuccelli (1999, p. 163) “prestar mais atenção às suas formas e sobretudo às diferentes maneiras de aceitá-las”, pois ela não se caracteriza apenas como a utilização da força física.

Embora se manifeste muitas vezes através do uso da força física, o fenômeno da violência não pode ser reduzido a essas formas de expressão. Pois, as humilhações, os constrangimentos, as ameaças, o menosprezo, os estigmas e os preconceitos são alguns dos elementos simbólicos que fazem parte do “arsenal” da violência praticada no mundo. (SILVA, 2011, p. 6)

Dessa maneira, independente da forma como a violência se apresenta, quando exercida ela pode trazer diversas consequências negativas para a vida dos indivíduos e assim como toda ação a prática de violência “transforma o mundo, mas a transformação mais provável é em um mundo mais violento” (ARENDET, Hannah. 1985, p.45).

1.1 Os tipos de violência

A violência é um fenômeno que, como vimos anteriormente, está disseminado em toda a sociedade e pode se manifestar de diversas maneiras prejudicando assim a relação dos indivíduos, sendo denominado como um fenômeno que traz diversos malefícios para grande parte da sociedade. Ao se dedicar a falar acerca do conceito de violência, Fante (2018, p.154) se refere a esse fenômeno como sendo resultado “da ação ou da força irresistível, praticada na intenção de um objeto que não se teria sem ela”.

Dessa maneira, a violência é utilizada geralmente quando o praticante deseja algo que não é possível alcançar sem sua utilização, ou seja, por meio da vontade voluntária dos indivíduos submetidos a ela. Todavia estamos acostumados a acreditar que só há violência quando há a utilização da força física, mas existem muitos tipos de violência e alguns deles se apresentam de maneira invisível, todavia o resultado de sua utilização muitas vezes chega a ser ainda mais maléfico para as vítimas.

Silva (2008, p. 71) ao citar Maffesoli (1981, p.28) nos diz que a violência pode se expressar de dois modos diferentes, de maneira simbólica e de maneira física. A violência do tipo simbólica é aquela que “assegura a coesão e o consenso entre os grupos e indivíduos em sociedades”, enquanto que a violência física “aponta para a imperfeição ou mesmo a impossibilidade da simbolização”.

O conceito de violência simbólica foi criado por Bourdieu (1989, p.11), o qual ele caracteriza como sendo a violência que se utiliza das relações de comunicação, que são sempre relações de poder, para impor ou mesmo legitimar a dominação de uma classe sobre a outra, ou seja, é a violência que não faz utilização da força física, mas que garante a “domesticação dos dominados”, enquanto que a violência física é aquela que se utiliza da força física para garantir a vontade daquele que a pratica.

Para Fante (2018):

Pode-se dizer que há violência quando alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária à sua vontade, ou quando alguém é impedido de agir de acordo com sua própria intenção, ou, ainda, quando é privado de um bem. (FANTE, 2018, p. 155)

Segundo a referida autora, a violência pode ser do tipo: violência física e sexual, violência verbal, violência psicológica e violência fatal, contudo, os seus efeitos independem do tipo, pois todos são negativos. Como exemplo dos efeitos negativos³ atribuídos as vítimas da violência podemos citar os transtornos mentais, entre eles: o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), Transtorno de Estresse Agudo e os quadros de transtorno de ansiedade e de humor.

As violências do tipo física ou brutal são aquelas que se apresentam de maneira explícita ou direta e que se expressam através das agressões, ou seja, matar, roubar, bater, chutar, etc. são alguns exemplos desse tipo de violência. A violência sutil podemos

³ No artigo publicado em 2019 na revista PUCRS intitulada de “Os efeitos da violência: Consequências nocivas dessa exposição cada vez mais constante afetam a saúde pública e individual” a autora Vanessa Mello expõe os transtornos mentais como sendo alguns dos efeitos mais frequentes decorrentes da prática de violência. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/os-efeitos-da-violencia/> .

entender como sendo as manifestações de agressões indiretas que se utilizam da forma verbal para xingar, desrespeitar, insultar as vítimas e que também podemos incluir a violência simbólica nessa tipologia (PEREIRA, 2009, p.18).

Já a violência institucional é caracterizada, de acordo com Pereira (2009), pela:

A marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder, por parte das instituições que impõem suas regras sem margens de defesa e contra-argumentação por parte dos que são submetidos a ela. (PEREIRA, 2009, p. 19)

Assim, a prática de violência seja ela qual for, pode trazer um ambiente de insegurança, medo e por isso suprime a vontade daqueles que são submetidos a ela, já que a violência é um fenômeno que oferece perigo aos envolvidos.

a violência, seja ela material (força física, agressão), seja moral (ameaça, medo, intimidação), vicia ameaças graves e impressionantes, com força suficiente para induzir ou levar alguém à prática de ato, que não consentiria sem esse constrangimento ou essa coação. Vicia o consentimento porquanto ela suprime a vontade, sendo o violentado coagido a praticar um ato, ou privar-se de determinada ação, pelo temor ou pelo perigo que a violência oferece. (FANTE, 2018, p. 155)

Dessa forma, a violência envolve uma diversidade de maneiras de se manifestar, exercendo força sob os indivíduos, os oprimindo afim de favorecer a sua sujeição. Para além disso, a violência nos traz diversos significados, considerando que sua presença muito fala sobre a realidade exposta.

1.1.1 A violência no ambiente escolar;

“As violências nas escolas constituem fenômeno preocupante. De um lado pelas sequelas que infligem aos atores envolvidos – os que praticam, os que sofrem e os que testemunham. De outro, porque contribuem para destituir a escola de sua condição de lugar de socialização, de aquisição de conhecimento, de formação humana. No processo de ensino-aprendizagem, os alicerces principais deveriam ser a ética e a comunicação pelo diálogo, antíteses da violência”.

Abramovay in Conversando Sobre Violência

O fenômeno da violência sempre existiu e está presente em todas as sociedades, se apresentando de formas variadas e trazendo consequências diversas para aqueles que “são submetidos a ela, os que praticam, e até mesmo os que assistem” a sua prática. (BLOMART, 2002, p.45)

A escola é classificada como sendo uma das instituições sociais mais importantes na sociedade e por instituições entendemos o que Goffman (1974, p.15-16) define como sendo “locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo” e ainda como um local que “conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo”.

A escola, local onde são inseridas as crianças desde cedo, é muitas vezes o lugar onde essas passam grande parte de seu dia e constroem suas relações sociais, pois, muitas dessas crianças têm o seu primeiro contato com a sociedade através desse ambiente, ampliando sua visão para além do universo familiar, conhecendo “novas” culturas, pessoas distintas e conseqüentemente descobrindo um mundo diferente daquele no qual estavam acostumadas. Logo, a mencionada instituição, é capaz de ir além da transmissão de conhecimentos, possibilitando a descoberta de um novo ambiente, sendo capaz de construir relações entre os indivíduos que a compõem em seu cotidiano.

Conforme coloca Carneiro (2018, p. 18) “o espaço escolar é, portanto, um espaço de construção de conhecimentos e de valores. É um espaço vivo. Dentro dele podem ou não ocorrer relações cooperativas, solidárias, de respeito mútuo”, porém, mesmo na escola, que é um local onde há a construção de saberes e de relações duradouras, a violência pode estar presente seja como forma de diversão ou como forma de demonstrar poder de uns alunos para com os outros.

Abramovay e Varella (2002, p.110), por sua vez, afirmam que “em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violências nas escolas não é um fenômeno recente, e tanto alunos, quanto pais e professores constatam que o ambiente escolar deixou de ser um lugar seguro, tornando-se um grave problema social” o que mostra que a escola não está isenta de conflitos e da prática de violência em suas dependências, na realidade, conforme aponta Abramovay (2012, p.45) “no universo escolar, as várias manifestações de violência igualmente se fazem presentes, cada vez de forma mais acentuada”, isto porque a escola faz parte da sociedade e por isso ela acaba reproduzindo os hábitos dessa

sociedade, pois, assim como nos mostra Silva (2011, p.7) a escola “é uma instituição elaborada no seio da sociedade que a circunda e que permanece aberta às suas influências”, além disso, a escola também produz as suas próprias formas que dizem respeito as particularidades desse ambiente e do seu cotidiano, por isso, ela é capaz de criar relações, conflitos e violências específicas a ela.

O comportamento agressivo ou violento nas escolas é hoje o fenômeno social mais complexo e difícil de compreender, por afetar a sociedade como um todo, atingindo diretamente as crianças de todas as idades em todas as escolas do país e do mundo. Sabemos ser o fenômeno resultante de inúmeros fatores, tanto externos como internos à escola, caracterizados pelos tipos de interações sociais, familiares, socioeducacionais e pelas expressões comportamentais agressivas manifestadas nas relações interpessoais. (FANTE, 2018, p.168)

Em virtude disso, o que vem chamando a atenção é que a escola tem, nas últimas décadas, conforme aponta Janine Blomart (2002, p.35), se transformado em um local onde a violência tem se manifestado, quando antes “as escolas eram vistas como lugares privilegiados e preservados, protegidos dos conflitos – um lugar de socialização”. A escola passou então a não ser mais apenas representada como um local tranquilo, livre de conflitos, mas ela se tornou também um lugar onde há a ocorrência de situações de violência.

Mas isso quer dizer que antigamente nas escolas não existia a prática da violência? Alguns autores apontam que a violência no ambiente escolar sempre existiu, muitas vezes de forma ainda mais acentuada, basta também nos recordarmos de quando os próprios professores tinham o direito de se utilizarem de palmatórias⁴ como castigo empregado aos alunos que desobedeciam, por exemplo. Embora hoje não haja mais esse tipo de castigo por parte do corpo docente, a violência que tem preocupado é aquela que é praticada pelos alunos entre si. Contudo, o fato é que não há como fazer um comparativo sem cometer equívocos entre a violência praticada antigamente e a praticada nos dias

⁴ Palmatória (ou fêrula) é o nome dado a um artefato de madeira, com haste encabeçada por um círculo parecido com uma colher de pau que era utilizada para bater nas mãos dos estudantes que cometiam um erro. Essa foi reconhecida como sendo uma das formas de disciplinar mais utilizada e cruel de antigamente. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/os-4-piores-castigos-que-os-professores-aplicavam-nos-alunos-de-antigamente/>. Acesso em 08 de setembro de 2021.

atuais no interior das escolas, o que podemos apontar é que conforme aponta Silva (2008, p.72) as pessoas passaram a tolerar menos a prática de alguns tipos de violência, por isso há um maior aumento de visibilidade e intolerância frente a práticas de violência atualmente.

Com essa maior recusa perante práticas violentas nos mais variados âmbitos sociais, aquela que é praticada no ambiente escolar passou a ser, como coloca Abramovay (2002, p.69) “um tema cotidiano, um importante objeto de reflexão das autoridades e um foco de notícia na imprensa” e, sua prática tem se tornado motivo de preocupação na sociedade atual, pois conforme aponta Fante (2018, p.20), “a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que torna a questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade”.

Tendo em vista essa contradição sobre a escola em que, de um lado ela aparece como sendo um ambiente seguro e de outro aparece como sendo um lugar onde ocorre a práticas violências, a escola passou a ter significados e sensações distintas para os seus frequentadores, enquanto que para alguns alunos a escola é um local para aprender e construir relações de amizades duradouras, para outros “a escola se tornou palco de ameaças”, de violências e conseqüentemente frequentá-la passou a ser motivo de medo (FANTE, Cléo. 2018, p.17).

A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica). (ABRAMOVAY, 2002, p.75)

Assim, a presença desse fenômeno no universo escolar é representada de diversas formas e vão desde a violência do tipo simbólica à violência física e moral, podendo acarretar muitas vezes em diversas conseqüências negativas para vida escolar e pessoal dos envolvidos. Segundo Fante (2018, p.17) sua presença no ambiente escolar causa “traumas e bloqueios emocionais que interferem prejudicialmente no desenvolvimento socioeducacional dos alunos”, porém discordamos em parte dessa afirmação, uma vez que essa não é uma regra geral, alguns sujeitos podem passar por esse tipo de experiência

e não terem consequências tão drásticas, embora exista um risco maior disso acontecer, como nos mostra Ortega (2002, p.216) quando diz que as consequências da prática de violência no ambiente escolar “representam um risco não apenas para o desenvolvimento social e futuro das vítimas, mas são também um perigo para” aqueles que a praticam.

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que ocorrem os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, esse é um fenômeno preocupante. Seja pelas sequelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhas ou pelo que contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como veículo por excelência de aprendizagem, de socialização em ética e da comunicação por diálogo. (ABRAMOVAY e VARELLA, 2002, p.89)

Essas práticas no universo escolar, segundo Carneiro (2018, p.11), estão ligadas “a vários fatores da vida social aos quais nossos jovens estão inseridos, como, por exemplo, pela desestrutura familiar”. Gostaríamos de enfatizar que a desestrutura familiar apontada pela referida autora, e que aparece também na fala de outros autores, acreditamos ser uma visão ultrapassada, já que normalmente esse termo está relacionado à família tradicional, composta por pai e mãe biológico e conforme nos mostra Manzini e Branco (2017, p.23), hoje existem diversas configurações familiares.

É claro que, a família tem um papel importante na formação do sujeito, ela é a primeira instituição que o indivíduo se insere e adquire sua base, ela é, também, a responsável por educar e transmitir os valores a eles, essenciais para a sua formação e independência pessoal, mas outros contextos sociais também contribuem na vida dos indivíduos, a escola é um deles, porém, assim como ocorre com a família, a escola, muitas vezes, acaba sendo vista como sendo a única responsável pela completa formação dos sujeitos. Salientamos que, na nossa visão, todos os contextos sociais a que o indivíduo está inserido pode influenciar na sua formação, sendo assim, não existe um único responsável pela formação do sujeito na sociedade.

Contudo, concordamos com o fato de que a escola muitas vezes acaba exercendo o papel de educar completamente o indivíduo, tendo em vista que muitas famílias não têm desempenhado o seu dever de educar e preparar o indivíduo para conviver em sociedade e conforme aponta Blomart (2002, p. 42) as escolas “às vezes têm grande dificuldade em encontrar o papel certo a desempenhar nesse contexto”.

Como mencionado anteriormente, não é correto culpar nem somente a família, nem somente a escola pelos comportamentos negativos de determinadas crianças/adolescentes, pois fazer isso, “diminui, de maneira errônea, o papel da sociedade mais ampla nesse fenômeno” (Manzini e Branco, 2017, p. 23).

Nesse sentido, concordamos com Manzini e Branco (2017, p. 24) quando dizem que o que faz a diferença na formação do indivíduo não é a maneira que a família do sujeito é formada, mas “a dimensão do afeto, das emoções e dos sentimentos tem um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois está na base dos processos de significação das experiências vividas”.

Sendo assim, deve haver uma parceria entre a instituição familiar e escolar na formação dos indivíduos desde cedo, pois a educação familiar que prioriza o afeto que se baseia nos valores morais e no respeito ao próximo, são ampliados ao universo escolar, o que é capaz de gerar uma melhor relação entre os sujeitos (CARNEIRO, 2018, p.73).

Segundo Montoya (2002, p. 122), a violência praticada nas escolas pode “se constituir de uma série de fatos que acima de tudo, estão sujeitos à interpretação dos participantes”. Contudo, essa prática de violência presente no ambiente escolar e caracterizada pelo comportamento agressivo e intolerante, segundo Fante (2018, p.11) “está presente em todas as escolas, sejam públicas municipais, estaduais ou federais, sejam particulares, ricas ou pobres”. Além disso, por mais que essa prática de violência seja exercida de forma sutil, é um ato que cria uma atmosfera nefasta nas relações entre os indivíduos e que pode trazer prejuízos para a vida dos envolvidos (CARNEIRO, 2018, p. 19).

Assim, a escola se tornou um ambiente onde a violência tem sido praticada e sabendo-se que de acordo com Ortega (2002, p.199) “a violência é nociva em si mesma e [...] não é moralmente correto saber que ela existe sem tentar eliminá-la” e tendo em consideração que “cometer violência contra os outros é moralmente inaceitável, e mais ainda se não encontrar justificativas”, como é o caso da violência praticada no ambiente escolar que recebe o nome de *bullying*, é necessário então que nos atentemos para esse fenômeno que tem preocupado a sociedade nos dias atuais (ORTEGA, 2002, p.202).

1.2 Considerações sobre o *Bullying*;

O *bullying* escolar é uma realidade presente mundialmente, e nas escolas brasileiras muito se ouve falar acerca desse fenômeno, pois o número de casos no Brasil vem crescendo vertiginosamente e sua prática tem acarretado diversos problemas para os envolvidos, porém, “o *bullying* ainda é um assunto pouco comentado e estudado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo aos demais países” (FANTE, 2018, p. 46).

Contudo, tem crescido a atenção das autoridades acerca dessa prática e conseqüentemente os estudos acerca do fenômeno e dos prejuízos que ele tem trazido para a sociedade. Todavia, é importante salientar que, conforme aponta Pereira (2009, p. 42) “não podemos generalizar todas as agressões ocorridas na escola como *bullying*”, que é um erro presente no senso comum, sendo assim, é necessário saber diferenciar o *bullying* de situações corriqueiras e sem intencionalidade, pois enquanto o *bullying* tem como principal característica ser realizado de maneira repetitiva e proposital contra uma mesma vítima, outras situações fazem parte do desenvolvimento das crianças e dos conflitos relacionais presente na vida escolar.

A violência praticada no ambiente escolar que acontece de forma repetitiva e de maneira intencional recebe o nome de *bullying*, o qual é um termo em língua inglesa, sem tradução para o português, que foi adotado por muitos países, assim como pelo Brasil, que se utiliza também desse termo. *Bullying* é uma expressão que designa “o ato decorrente do substantivo *bully*, que significa algo próximo a “brigão” ou “valentão” em português” (Bazzo, 2017, p. 39).

O conceito de *bullying* teve como autor o estudioso Dan Olweus, um dos principais pesquisadores do *bullying* no mundo, que define o fenômeno como sendo “o ato de intimidação a que uma pessoa é exposta, repetidamente e por muito tempo, a ações negativas por parte de uma ou mais pessoas” (OLWEUS, 1994, n.p.).

No Brasil já existem diversos estudiosos que se dedicam a discutir, tratar e trabalhar o fenômeno do *bullying* afim de reduzir sua prática nas escolas de todo o país, contudo boa parte dos autores que trazem as contribuições acerca do conceito de *bullying* vem da área da psicologia, isso ocorre tanto no Brasil quanto em outros países, todavia a área da psicologia traz uma visão que se dedica muito em discutir os efeitos de tais expressões de violência na saúde dos indivíduos, por isso nessa pesquisa procuramos

trazer visões distintas acerca do fenômeno, a partir de percepções de estudiosos de áreas divergentes, isso não significa que deixaremos de lado os autores da psicologia, pois estes também contribuem para o entendimento do fenômeno, mas buscamos trazer autores também de outras áreas, mostrando que a prática do *bullying* pode se manifestar de maneiras diferentes nos indivíduos vitimados, não ocasionando necessariamente em efeitos iguais em todos os indivíduos acometidos por essa prática.

Cléo Fante, pioneira nos estudos sobre *bullying* no Brasil, possui formação na área de educação e nos traz algumas contribuições acerca do conceito aqui tratado, o qual ela diz que se define pelo “desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e coloca-la sob tensão” e ainda “como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder (FANTE, 2018, p.27-28).

Pereira (2009, p. 42) entende o conceito do *bullying* como sendo específico “para determinar um fenômeno bem peculiar, com características bem definidas, não é um conflito normal ou briga entre estudantes, mas ameaças com violência física, verbal e psicológica que causam grandes sofrimentos”.

Carneiro (2018, p. 32) compreende o *bullying* como sendo “toda atitude agressiva, intencional e repetida, que acontece sem uma motivação evidente, e que um ou mais estudantes adota(m) contra o outro, causando-lhe dor e angústia”.

No livro “Cuidado, proteja seus filhos dos *bullies*” (2011) os autores Carpenter e Ferguson definem o termo *bullying* como sendo:

O comportamento agressivo intencional que pode se expressar de diversas maneiras (verbal, física, social e emocionalmente; em relacionamentos, pela internet, ou numa combinação de vários desses fatores. É gerado pelo desequilíbrio de poder e ocorre repetidas vezes, durante um período de tempo. (CARPENTER e FERGUSON, 2011, p. 19)

Uma visão interessante acerca do *bullying* pode ser consultada no livro intitulado de “*Bullying: Escola e família enfrentando a questão*” de Manzini e Branco (2017, p.17), as quais definem o significado do *bullying* como o ato de “agredir de forma intencional e repetitiva outra pessoa ou grupo, física e/ou psicologicamente, havendo sempre um desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores.

A partir da definição dos autores acima citados, podemos entender que há um consenso entre eles quando dizem que o *bullying* consiste em um comportamento

agressivo constante, intencional e repetitivo contra uma mesma vítima, tendo como ponto fundamental o desequilíbrio de poder entre as partes e, nesse sentido, concordamos com tais definições.

O *bullying* é uma prática que por muito tempo foi vista como sendo “normal” entre as crianças e adolescentes em fase escolar, sendo apontado como parte das relações entre os indivíduos presentes nesse ambiente. Porém, conforme apontam Carpenter e Ferguson (2011, p. 20) “só recentemente as pessoas começaram a ter mais consciência de seu impacto negativo”.

O bullying, é um problema que existe em todas as escolas; ainda assim, poucas têm consciência de sua existência ou mesmo das graves consequências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Em muitos casos, ele é confundido com indisciplina ou mesmo brincadeiras próprias da idade ou, ainda, com agressões corriqueiras, casuais. (PEREIRA, 2009, p. 9)

Atualmente, quando se ouve falar acerca do *bullying*, muitas das escolas negam sua existência, principalmente as escolas particulares, como aponta Fante (2018, p. 51) nos estudos que realizou em algumas escolas, as quais dizem que a relação baseada na submissão entre os alunos sempre existiu e é algo normal. Sendo assim os alunos devem aprender a lidar com isso pois estas podem servir como experiências para enfrentarem desafios futuros.

Desse modo, o *bullying* aparece hoje como sendo um fenômeno preocupante, já que tem adquirido crescente dimensão em todas as sociedades, pelo fato de sua manifestação se dá em todos os níveis de escolaridade, por muitas vezes se passar de forma velada e por, em casos graves, ter como resultado massacres em escolas de todo o mundo (FANTE, 2018, p.20-21). No Brasil podemos citar como exemplo um caso ocorrido no Rio de Janeiro em 2011 conhecido como o “Massacre de Realengo⁵”, ataque que resultou em 12 mortos e outros 12 feridos e que chocou o país. O criminoso acabou suicidando-se, porém havia deixado uma carta onde dizia ter sido vítima de *bullying*, mostrando que o crime tinha como motivo esse fator.

⁵ O “Massacre de Realengo” foi como ficou conhecido o ataque ocorrido em 7 de abril de 2011 no bairro de Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, cujo qual resultou em 12 crianças mortas e outras 12 feridas, todas com idades entre 13 e 15 anos, estudantes da Escola Municipal Tasso da Silveira. O crime completou 10 anos. Matéria completa disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419> . Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Para Fante (2018, p. 74) “o *bullying* tem como característica principal a violência oculta” já que muitas vezes sua prática passa despercebida, já que as vítimas muitas vezes preferem se calar para evitar maiores danos. Todavia, isso não quer dizer que a prática do *bullying* não ocorra de maneira aberta e visível, essa também pode acontecer. A escolha para que um indivíduo passe a ser a vítima da prática de tais práticas, segundo alguns autores, pode estar ligado ao fato dele apresentar gostos distintos, comportamentos contrários e/ou ainda, por ter um perfil “diferente” da maioria. Por essa razão, muitas vezes, tal ação gera uma visão estigmatizadora.

Os sujeitos que sofrem estigma são aqueles que, como definido por Goffman (1891, p.6) “tem um atributo que os tornam diferentes de outros que se encontram numa categoria”, sendo assim, a escola muitas vezes reproduz os hábitos de uma sociedade preconceituosa e dá lugar a exclusão de sujeitos que não seguem a padronização social.

Não é difícil de se supor que os estigmas e preconceitos que circulam no universo escolar e que servem de justificativas para os praticantes de *bullying* produzirem suas vítimas são visões de valores preconceituosos e intolerantes que se apresentam de maneira difusa na sociedade brasileira. (SILVA, 2011, p. 8)

Essas visões preconceituosas podem estar atrelada a convivência que as crianças e adolescentes têm fora da escola e com outros adultos que produzem esse tipo de visão e/ou comportamento, mas esta não é uma regra. Contudo, é relevante destacarmos que as consequências da prática do *bullying* podem ser vividas tanto pela vítima, quanto pelo agressor e observador, pois conforme nos mostram Carpenter e Ferguson (2011, p. 59), “o *bullying* pode ser tão prejudicial ao *bully* quanto às suas vítimas”.

Segundo Abramovay (2002, p.83) “as violências no ambiente escolar, tanto nas escolas públicas como nos estabelecimentos privados, impõem aos alunos graves consequências pessoais, além de danos físicos, traumas, sentimentos de medo e insegurança, prejudicando o seu desenvolvimento pessoal” e escolar. Mas como saber se essas consequências são ocasionadas somente pela violência na escola? Existem outras influências na vida dos indivíduos que podem também causar traumas, sentimentos de medo e insegurança. Um indivíduo que é acometido pelo *bullying* escolar irá sempre carregar os prejuízos desses acontecimentos em sua vida? Nem sempre, embora haja um maior risco. Isso irá depender da personalidade de cada indivíduo, bem como das outras

influências que ele sofre ao longo de sua vida. O fato é que existe um risco maior disso acontecer e por isso é necessário que este problema seja solucionado.

As consequências negativas que o *bullying* pode causar, como dito anteriormente, podem acometer todos aqueles que participam da prática e não somente as vítimas, uma vez que conforme nos mostra Blomart (2002, p.45) “a violência afeta os que são submetidos a ela, os que a praticam, e até mesmo os que a assistem”. Além disso, em alguns casos a prática do *bullying* pode levar a situações de extrema gravidade, já que segundo Bazzo (2017, p. 66) “o *bullying*, enquanto fenômeno de violência, pode atuar como gatilho tanto para suicídios, quanto para ataques armados juvenis” como já foram noticiados inúmeros casos tanto em outros países, como no Brasil.

Entretanto, não é via de regra que todos aqueles que participam de tal prática irão sofrer com suas consequências futuramente. Sendo assim é necessário considerarmos o que os indivíduos fazem com essas influências, pois estas ao passo que podem influenciá-los positivamente, também podem vir a interagir de forma negativa.

1.2.1 As várias faces da expressão do *Bullying*;

De acordo com Carneiro (2018, p. 51) “o *bullying* é, antes de tudo, uma forma específica de violência” e como vimos anteriormente esse fenômeno está presente em escolas do mundo todo, porém, ele pode se apresentar de maneiras diferentes a depender do lugar, da forma e dos atores participantes dessa prática.

O *bullying* apresenta diversas características e denominações, podendo ocorrer da forma direta e indireta, porém, ambas têm o objetivo de humilhar e maltratar a vítima.

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social. (FANTE, 2018, p. 50)

Conforme apontam Carpenter e Ferguson (2011), o *bullying* pode ser de diversos tipos sendo eles: *bullying* verbal (através de palavras que machucam); *bullying* físico

(chutes, tapas, empurrões, beliscões, socos, puxões de cabelo, etc.); *bullying* social, em relacionamentos e emocional (realizado através de humilhações e depreciações); extorsão (extorsão de dinheiro, de comida ou objetos pessoais); e o mais recente que é o *cyberbullying* que é realizado de forma virtual.

O *bullying* pode, então, ser praticado através do contato físico ou de maneira verbal e pode ser realizado por um indivíduo ou por um grupo indivíduos (agressores/*bullies*) contra uma pessoa e/ou um grupo (vítimas), porém para que o ato seja denominado de *bullying* “é necessário que haja um desequilíbrio de força” ou de poder (OLWEUS, 1994, n.p.).

O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou atores do ataque. (FANTE, 2018, p. 28)

Dan Olweus (1994) explica que os meninos estão mais expostos ao *bullying* direto (ataque aberto à vítima) enquanto que às meninas estão mais expostas ao indireto que está ligado a formas de exclusão da vítima, difamação, manipulação de relacionamentos de amizade, ou seja, aquele mais sutil que em sua maioria passa despercebido e que muitas vezes é mais doloroso para a vítima, pois traz diversos prejuízos para suas relações sociais. Porém, embora haja uma maior incidência do *bullying* direto no gênero masculino e indireto no gênero feminino, esta não é uma regra, pois qualquer tipo de *bullying* pode acometer ambos os gêneros.

A magnitude do trauma não guarda proporcionalidade com relação ao abuso sofrido. Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito. (SAFFIOTI, 2004, p. 19)

O *bullying* indireto, muitas vezes é praticado de forma oculta/velada o que dificulta sua identificação, porém “o efeito é devastador, pois atinge as meninas justamente na fase de suas vidas em que se desenvolvem, estabelecem e solidificam importantes relacionamentos e habilidades sociais” (CARPENTER; FERGUSON; 2011, p. 40).

Assim, são variadas as formas de o *bullying* se manifestar no ambiente escolar e seus efeitos são também diversos, pois as consequências dependem da personalidade do aluno, dado que, muitos não têm autoestima suficiente para lidar ou mesmo impedir essa prática, em contrapartida, outros lidam de maneira mais leve. Contudo, as consequências negativas podem acometer não só aqueles que são vítimas do ato, embora estas sejam as mais afetadas, mas podem prejudicar todos os envolvidos e os prejuízos podem se estender para as relações futuras dos sujeitos, como por exemplo na sua constituição familiar, na criação de seus filhos, além das consequências para a sua saúde física e mental (FANTE, 2018, p.78-79). Porém, como já enfatizamos anteriormente, esta não é uma regra, isso quer dizer que, não é porque o indivíduo foi vítima de *bullying* que ele necessariamente irá sofrer psicologicamente ou, não é porque na infância o sujeito foi o praticante de *bullying* que será uma pessoa que terá problemas com a lei, pois nem sempre as coisas se passam assim, existem diversos outros fatores que fazem parte da vida dos sujeitos, mas claro que isso não anula o fato de o *bullying* ser um problema que pode trazer diversos prejuízos para a vida das pessoas e que, por isso, precisa ser controlado.

Portanto, tendo em vista os efeitos negativos que o *bullying* pode causar, se faz necessária a atenção do corpo docente e dos pais para que possam intervir nessa prática, já que segundo Carpenter e Ferguson (2011, p. 34) “qualquer comportamento pode se tornar um hábito” e “qualquer tipo de incentivo ou ausência de punição podem agravar o comportamento negativo”.

1.2.2 Atores e atrizes, na prática do *Bullying*;

O *bullying* escolar se dá a partir da participação de diversos alunos que de alguma forma colaboram para que o fenômeno aconteça, seja de maneira ativa ou de maneira passiva, são vários os atores e atrizes presentes nessa prática que pode trazer tantos malefícios para os envolvidos.

De acordo com Carneiro (2018, p. 33) Dan Olweus foi “o primeiro pesquisador a identificar os participantes do *bullying* e definir os papéis para eles”. E, segundo Olweus (1994, n.p.) os participantes são: o/os agressores (*bully/bullies*), a/as vítimas e o/os espectadores, ambos os papéis podem ser exercidos por um único indivíduo ou por um grupo.

No livro “*Bullying at school*” Dan Olweus (1994, n.p.) aponta as vítimas de *bullying* como sendo pessoas que apresentam geralmente ansiedade, insegurança, sensibilidade, que geralmente reagem chorando, que sofrem de baixa autoestima etc.,

Segundo Fante (2018, p. 71-72) as vítimas podem ser de três tipos: “vítima típica: aquela que serve de bode expiatório para um grupo”, existe a “vítima provocadora: aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência”, e tem também a “vítima agressora: aquela que reproduz os maus tratos sofridos. [...] é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios” ou seja, são vítimas que reproduzem os maus tratos sofridos para outros indivíduos, o que é preocupante, visto que faz com que a prática se dissemine e seja normalizada no ambiente escolar.

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidade de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem. (SAFFIOTI, 2004, p.18)

Já o *bully/agressor*, de acordo com Olweus (1994), é aquele que tem pouca empatia, que tem comportamentos agressivos com adultos, que apresentam atitudes positivas em relação a violência, entre outros.

Pereira (2009, p.43) concorda com Fante (2018, p.73) quando define o agressor como “aquele que vitimiza os mais fracos” e ainda como sendo criança/adolescente que “é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar conflitos”, o que torna a criança/adolescente um indivíduo mais propenso a resolver seus conflitos por meio da força, além de torna-lo mais insensível frente a prática de violência, já que esta faz parte do seu cotidiano. Contudo, acreditamos que essa visão acaba culpando a família como sendo a única responsável pelo comportamento negativo da criança/adolescente e como dissemos anteriormente existe todo um contexto social capaz de influenciar o indivíduo.

Para Carpenter e Ferguson (2011, p. 49-55), o *bully/agressor* pode ser de diferentes tipos, sendo eles: O *bully* presunçoso (aquele que “age como se fosse o dono

da escola” que tem um grande ego e se sente no direito e humilhar e maltratar as pessoas); o *bully* social (mais representado por meninas que se utilizam de mexericos e exclusão para maltratar as vítimas); o *bully* insensível (aquele que não sente remorso por praticar o *bullying*); o *bully* hiperativo (que explode a qualquer momento); o *bully* vítima de *bullies* (que já foi vítima e replica a prática); o grupo de *bullies* (são aqueles que só praticam o *bullying* em grupo) e a gangue de *bullies* (crianças e adolescentes que se unem com o objetivo de dominar e mostrar o seu poder frente a suas vítimas).

Além dos praticantes do *bullying* e das vítimas, há também aqueles que presenciam o ato e que acabam, muitas vezes, fortalecendo a prática do *bullying*, são os espectadores/testemunhas. Os espectadores/testemunhas, de acordo com Pereira (2009, p. 47), “são aqueles que presenciam as agressões” e que “mesmo não sofrendo diretamente as agressões [...] também sofrem as consequências advindas desse fenômeno. Sentem-se inseguros, incomodados e seu progresso acadêmico pode vir a ser abalado.

Carpenter e Ferguson (2011, p. 80) definem os espectadores/testemunhas como sendo os indivíduos que lutam “internamente com sua consciência e tem que tomar coragem e escolher entre participar do *bullying* para não ser a próxima vítima, ou recuar, sem participar ativamente, mas encorajando o *bully*, assistindo à agressão e rindo. Ou ouvir sua consciência e ordenar ao *bully* que pare” o que é mais difícil de ocorrer.

Manzini e Branco (2017, p. 21), cujo posicionamento se fundamenta na Psicologia Cultural, se referem a esses estereótipos de maneira crítica e acreditam que essas tendências devem ser consideradas, mas, também, relativizadas. Concordamos com elas, posto que, uma criança vítima de *bullying* posteriormente pode vir a ser agressora e vice-versa.

De acordo com alguns autores, o critério de escolha para que um indivíduo seja vítima do *bullying* pode estar atrelado ao fato de o mesmo não seguir os padrões sociais impregnados na sociedade hoje e que são passados aos indivíduos desde cedo, seja através do meio familiar ou por outros tipos de relações sociais. Então, conforme coloca Silva (p. 35-36, 2015) a vítima típica são aqueles indivíduos que tem dificuldade de socialização, que é tímido, ou que apresenta alguma diferença da maioria, ou seja, ser gordinho ou magro demais, alto ou baixo demais, usar óculos ou apresentar alguma deficiência são alguns dos padrões que os tornam vítimas típicas da prática do *bullying*.

Se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo e com frequência se mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório... ele logo será descoberto pelo agressor. (FANTE, 2018, p. 48)

Isso ocorre porque os praticantes de *bullying*, conforme apontam Carpenter e Ferguson (2011, p. 27), geralmente “buscam alvos que possam facilmente controlar” e essas vítimas geralmente são pessoas que se apresentam como sendo mais vulneráveis. O grande problema, é que “muito frequentemente, a vítima é uma criança com poucas habilidades sociais que a transformam num bode expiatório ou num alvo fácil, gerando situações com as quais ela não sabe lidar” (ORTEGA, Rosário. 2002, p.213).

O *bullying* se torna, por consequência, um fenômeno perigoso, justamente porque envolve muitas vezes a intolerância frente a diferença, esta diferença pode envolver questões de raça, religião, de sexualidade, peso, deficiências físicas ou psíquica ou pode estar relacionada a habilidades e aspectos de força e coragem (FANTE, 2018, p. 62-63). Essa intolerância frente a diferença é preocupante, pois pode gerar a violência e ao aumento dos índices de preconceito desde cedo, tornando este um círculo vicioso.

É necessário, portando, a atenção dos pais e da escola frente a essa prática que muitas vezes ocorre de forma velada, já que “muitas crianças vítimas de intimidação têm medo de falar a outras pessoas sobre suas experiências de serem agredidas e intimidadas por colegas” (COWIE, Helen; SMITH, Peter. 2002, p.250). Isso acontece, porque crianças e adolescentes vítimas desse tipo de violência, acreditam que se falarem sobre o assunto com os adultos, a situação tende a piorar.

Apenas 25-50% das crianças maltratadas chegam a contar para alguém o que lhes acontece. É uma espécie de pacto de silêncio: elas pensam que contar aos adultos poderá deixá-las ainda mais vulneráveis aos ataques. Temem retaliação por parte dos *bullies*, que os adultos não levem a sério suas reclamações, que acabem dizendo que a culpa é delas, ou, ainda, que não saibam lidar com a situação e tornem as coisas ainda piores. (CARPENTER, FERGUSON, 2011, p. 28)

Segundo Cowie e Smith (2002, p.251) é habitual que o “jovem vitimizado pense ser mais seguro suportar o tratamento abusivo sem se queixar a ninguém. Embora algumas das vítimas busquem a ajuda de colegas, professores ou dos pais, muitas delas fecham-se em si mesmas, mantendo silêncio sobre seu sofrimento”. Essa ocultação frente a prática do *bullying* é compartilhada entre os indivíduos participantes e até mesmo pelos espectadores que muitas vezes não falam por medo de se tornarem a próxima vítima,

portanto, como afirma Abramovay (2002, p.79) “imperam nas relações sociais a chamada “lei do silêncio”, tão conhecida pelo tráfico e levada para o cotidiano das escolas”, contudo, há casos em que a prática de *bullying* é relatada pela vítima, ou mesmo pelos espectadores, embora esse não seja o habitual.

Dessa maneira, se faz necessário que a escola e os pais desde cedo repassem os valores sociais para as crianças a fim de que haja o respeito mútuo entre os indivíduos além disso, é importante também desenvolver nas crianças a sua autoconfiança e a empatia.

A autoconfiança é o traço de personalidade que nos permite afirmar nossas próprias convicções e defender nossos pontos de vista, atitudes e comportamentos, sempre que acreditamos ter razão, ou quando os fatos demonstram que temos razão. Todos nós mostramos um grau suficiente de autoconfiança – diferente da agressividade – quando falamos a nosso próprio respeito, escolhemos a partir de diferentes opções, nos apresentamos a outros, etc. As crianças que são vítimas de seus pares vêm deteriorar o nível de autoconfiança necessário para lidar com as tarefas sociais. O efeito da violência nas vítimas destrói sua auto-estima – a própria base do comportamento auto-afirmativo. Desse modo, quando a violência interpessoal é detectada na escola, a intervenção direta sobre as vítimas torna-se necessária, visando a reconstruir sua autoconfiança perdida e sua auto-estima deteriorada. (ORTEGA, 2002, p.215-216)

Ressaltamos, sobretudo, que a prática da violência no ambiente escolar pode acarretar em diversos prejuízos, já que podem trazer efeitos negativos que podem vir a perdurar por toda a vida seja no desenvolvimento pessoal do indivíduo ou mesmo no estabelecimento das futuras relações sociais do mesmo.

CAPÍTULO 2

A escola como espaço de disseminação da prática do *bullying*

O espaço escolar sempre foi reconhecido como sendo um local importante para a construção de valores e para a formação dos indivíduos, sendo vista também como um local privilegiado para a interação social e para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, pois conforme nos mostram Abramovay e Varella “a escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações”. (2002, p.109)

O ambiente escolar é composto por indivíduos de culturas e realidades distintas que ao se relacionarem são capazes de produzir um ambiente simbólico que possibilita a construção de suas subjetividades.

Os modos de vida dos sujeitos em interação, dentro do cenário escolar, fornecem as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível. O ambiente propiciado pela escola favorece não só os processos informativos, mas, também, os de comunicação, produzindo um amplo universo simbólico que estimula configurações de sentidos e significados, possibilitando, desse modo, a constituição da subjetividade e a construção das identidades. (IBIDEM, p.110)

Assim, a escola é uma instituição social que traz um universo de possibilidades relacionais para os indivíduos, ela representa um local onde os indivíduos estabelecem e compartilham códigos de comportamentos e que muitas vezes iniciam namoros e desenvolvem relacionamentos amorosos (Abramovay, 2002, p.150).

Para Manzini e Branco (2017, p. 11)

A escola é o espaço onde os alunos, além de se apropriar de conhecimentos, irão aprender a se relacionar uns com os outros, sejam esses colegas ou adultos. Eles devem ser incentivados a agir e a trabalhar em colaboração com o outro (cooperação) e a se sensibilizar com as dificuldades e os pontos de vista do colega e do professor (empatia e solidariedade). (MANZINI; BRANCO; 2017. p. 11)

Na concepção de Carneiro (2018, p.14) a função da escola é preparar o aluno para exercitar a cidadania a partir dos conteúdos pedagógicos que tem como objetivo uma sociedade com indivíduos que pratiquem menos a violência e exerçam o respeito a si próprio e aos outros. Para Fante (2018, p.185) a escola tem por objetivo a socialização dos indivíduos a partir dos princípios de equidade, visando igualar as diferenças existentes na sociedade, contudo, o que acontece nas escolas nos dias atuais é que nela os alunos são tratados como se fossem iguais, não sendo consideradas as suas particularidades e características individuais. Seria então a escola reprodutora de algumas desigualdades sociais?

Para Bourdieu e Passeron (2014, p.27), na sua obra intitulada de “A reprodução” a escola reproduz a cultura da classe dominante, pois o modelo das instituições escolares contemporâneas acaba contribuindo para a reprodução de estruturas de relações de força, “numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio de violência simbólica legítima”. Isso ocorre de diversas maneiras, seja através da metodologia utilizada no ensino, do modo de abordar as temáticas onde só alguns conseguem acompanhar, da preferência de alguns professores em relação a alguns alunos, da forma que a instituição lida com os conflitos presentes em seu interior etc.

Isso nos faz refletir acerca da violência da escola que difere da violência na escola. A violência da escola pode estar presente na própria estrutura da instituição, nas grades que remetem a segurança do local, nos horários estabelecidos para cada atividade, no corpo docente que está ali para controlar cada atividade de cada indivíduo ali presente, nos castigos que são aplicados caso algum aluno inflija as regras, na forma como os indivíduos são tratados como sendo iguais quando na verdade são pessoas de culturas e realidades distintas, enfim, nas regras presentes na instituição como um todo que domestica o indivíduo e o faz agir conforme exige a instituição, principalmente naquelas escolas onde os alunos passam grande parte do seu dia. Isso ocorre porque esse tipo de instituição tem como aspecto central, conforme aponta Goffman (1974)

A ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é

imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. (GOFFMAN, p.17-18, 1974)

Contudo, isso não acontece somente em instituições totais, que são aquelas que, segundo o referido autor, tomam grande parte do tempo dos indivíduos, mas ocorre também nas instituições que tomam apenas uma parte do tempo desses sujeitos, como é o caso da escola. Essa imposição de regras, de horários, as grades da instituição, tudo isso faz parte da violência da escola que como dissemos é diferente da violência na escola, que é a que nos dedicamos a discutir nesse estudo, a partir da apreensão e da análise do fenômeno *bullying* no espaço escolar.

Segundo Pereira (2009, p.62), “a escola está deixando de ser um ambiente seguro” devido o alto índice de violência praticada em seu interior e por isso, essa importante instituição tem recebido diversas críticas e acusações, sendo muitas vezes apontada, conforme aponta Abramovay (2002, p.78), “como causa, consequência e espelho de problemas aos quais, muitas vezes, não consegue responder”, sendo vista como um local onde há a disseminação do *bullying* e esse fator muitas vezes acaba modificando a função principal da escola para muitos indivíduos, posto que, para aqueles que são submetidos a prática do *bullying*, a escola passou a ser um local temido e frequentá-lo significa vivenciar situações de humilhação e sofrimento.

Nesse sentido, a presença da violência no ambiente escolar, mais precisamente do *bullying*, que aqui tratamos, rompe a ideia da escola como um local seguro, de aprendizagem e construção de amizades duradouras, pois segundo Pereira (2009, p.54) esse fator “reflete em insegurança por parte dos alunos, e influencia negativamente seus estudos.

A presença da violência nas escolas, a exemplo do *bullying*, quebra com o paradigma da escola como ambiente seguro e lugar de transmissão de conhecimento. Este deveria ser um ambiente saudável onde as crianças e jovens deveriam aprender a cidadania, mas não é isso que estamos vivenciando. (IBIDEM, p. 54)

Frente a essa problemática do *bullying* alguns alunos têm demonstrado desinteresse em frequentar a escola ocasionando no desencanto da mesma, o que segundo Fante (2018, p.188-189) é resultado da situação atual em que vivem, onde as

preocupações e os problemas enfrentados pelos alunos resultam na mistura de sentimentos que muitas vezes são expressos na agressividade.

Dessa maneira, a escola precisa adquirir novas formas de lidar com essa realidade, já que de acordo com Carneiro (2018, p.7) “na atualidade, as escolas ainda não conseguem dar a devida atenção ao surgimento do *bullying*” o qual se dissemina cada dia mais no universo escolar. Mas, seria a escola a única responsável pelo aumento da prática do *bullying*? E ainda, teria ela a forma de diminuir essa disseminação no espaço escolar?

Conforme apontado no capítulo anterior, e, ainda, segundo nos mostra Carneiro (2018) “para diminuir essa forma de violência [...] a educação doméstica e a educação formal devem se unir para estabelecerem competências de acordo com suas especificidades, para que se tenha indivíduos mais altruístas na nossa sociedade” (CARNEIRO, 2018, p.13).

Muitas das escolas públicas brasileiras não estão preparadas fundamentalmente para lidar com esse fenômeno que cresce a todo instante. Em muitas dessas escolas, não existem profissionais nas áreas de psicologia, orientação pedagógica, coordenação pedagógica, dentre outras, que poderiam auxiliar os profissionais que estão diretamente ligados ao fazer pedagógico. (IBIDEM, p.13)

A partir disso, conforme explicitou a autora, é necessário que a escola esteja preparada para lidar com os conflitos existentes por meio de profissionais especializados e também do envolvimento dos alunos e de seus familiares afim de corroborar para a promoção de um ambiente de aprendizagem prazeroso, que priorize o respeito mútuo entre os indivíduos presentes, pois a educação é capaz de transformar os indivíduos e até mesmo eliminar a prática de violência nas escolas.

Porém, para que esse caminho seja exitoso, é necessário o conhecimento por parte do corpo docente, dos alunos e de toda a comunidade, considerando que a violência ou o comportamento agressivo, como se refere Fante (2018, p. 168-169), “é resultante de inúmeros fatores tanto externos quanto internos à escola”. Os fatores externos citados pela referida autora, são aqueles decisivos na formação da personalidade do indivíduo, ou seja, a família, o meio social e os meios de comunicação. Já os fatores internos dizem respeito “ao clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar”. Os fatores internos e externos são capazes de

influenciar os indivíduos e sua conduta no seu cotidiano, seja na escola ou em outros espaços sociais.

Sendo assim, o papel do professor também é relevante pois sua função:

é muito importante para o desenvolvimento da capacidade crítica do estudante, pois além de exercer as funções precípua de sua formação para o exercício do fazer pedagógico, agora necessita ampliar seus conhecimentos para além da sala de aula, para estabelecer uma relação de educador, posto que a família está delegando parte da educação de seus filhos para a escola. (CARNEIRO, 2018, p.70)

Porém, essa parece ser uma visão utópica, já que para que isso seja possível é necessário o incentivo por parte do governo, estado ou município que se disponha a realizar formações que visem esse objetivo, além disso é preciso também que os familiares façam a sua parte, pois, a educação dos estudantes não pode depender apenas do papel do professor. Todavia, compartilhamos da visão de Fante (2018, p. 158) que diz que o professor deve ser capaz de identificar as formas de violência que os alunos possam estar enfrentando até mesmo de forma silenciosa para então poder ajuda-los, pois é inadmissível que na atualidade “um aluno sofra e se torne infeliz na escola”.

Tendo discorrido um pouco acerca da disseminação do *bullying* no ambiente escolar, no decorrer desse trabalho pretendemos falar mais acerca do papel do professor e de como ele age frente a prática do *bullying*, buscando mostrar os caminhos que os mesmos percorrem frente a esse problema e além disso, procurando entender o que está por trás desse tipo de violência, pois conforme nos diz Silva inspirado por Gueertz “o que interessa ao investigador das Ciências Sociais, nesse caso, e, em especial, ao estudo sobre a violência, não são as brigas de galo em si, mas aquilo que elas representam”, sendo assim, nesse trabalho também desejamos analisar o que está por traz da violência praticada no ambiente escolar.

Por conseguinte, no decorrer desse capítulo objetivamos caracterizar a nossa pesquisa demonstrando o nosso percurso metodológico, bem como apontando o seu contexto e o caminho que utilizamos para alcançar os nossos objetivos, além de falarmos também sobre os participantes da pesquisa que muito contribuíram para o seu desabrochar.

2.1 Caracterização da pesquisa;

Em busca de respondermos as inquietações que nos levaram a desenvolver a presente pesquisa, e dentro das dificuldades encontradas durante esse percurso, buscamos alcançar os objetivos da nossa pesquisa a partir de um caminho que possibilitasse responder os nossos questionamentos de maneira eficaz e clara. Então, no decorrer desse tópico descrevemos a nossa pesquisa, bem como a metodologia utilizada ao longo do nosso estudo.

As estratégias metodológicas da presente pesquisa, inclui uma ampla revisão de literatura sobre *bullying*, bem como o estudo sobre a presença desse fenômeno nas escolas da cidade de Campina Grande localizada no estado da Paraíba, tendo como participantes da pesquisa os professores de algumas escolas do referido município.

A natureza do presente estudo foi delimitada como sendo qualitativa, já que esse tipo de pesquisa objetiva compreender um fenômeno em questão, neste caso o *bullying*, pois de acordo com Gonsalves (2001, p.68) “a pesquisa qualitativa preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas”. Dessa forma, a partir desse estudo temos como propósito compreender o fenômeno *bullying* em profundidade a partir das narrativas dos participantes da pesquisa e da teoria disponível sobre a temática.

Para Bardin (1977, p. 21) “na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração”. Assim, com a análise qualitativa buscamos entender o cenário do *bullying* na cidade de Campina Grande a partir das informações individuais dadas por cada um dos participantes da pesquisa, em seguida, buscamos alinhar as semelhanças e diferenças presentes nas narrativas dos professores entrevistados acerca do fenômeno investigado.

Dessa forma, nesse estudo desenvolvemos o nosso trabalho com professores da rede pública municipal de ensino da cidade de Campina Grande-PB que lecionam no ensino fundamental I e II de diferentes escolas para a partir da narrativa deles, detectar a presença do *bullying* e compreender o significado que esses docentes dão a respeito do fenômeno estudado e, ao mesmo tempo, analisamos as suas percepções frente a essa

problemática, afim de entender como os mesmos agem diante desse fenômeno. Vale ressaltar que a realização desta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética por meio do parecer de nº 5.007.428.

Fizemos a utilização da modalidade de entrevistas virtuais semiestruturadas, tendo em vista o momento de pandemia que estamos vivendo, o qual impossibilitou os encontros presenciais, que falaremos mais adiante no tópico sobre “o contexto da pesquisa”. As entrevistas foram realizadas de maneira individual via Google *Meet* para que não houvessem interrupções ou influências de outros nas falas dos professores.

Realizamos as entrevistas com 8 professores que lecionam no ensino fundamental I e II, onde lhes foram dadas a oportunidade de falar sobre o fenômeno pesquisado e responder a perguntas e tópicos que preparamos anteriormente as entrevistas. Em seguida, analisamos as falas dos professores entrevistados, afim de detectarmos a incidência da prática do *bullying* nas escolas que os mesmos lecionam, nos atentando também ao significado que o *bullying* tem para esses professores e a maneira que eles veem e lidam com o fenômeno no seu ambiente de trabalho.

A grande maioria dos estudos que trataram do *bullying* nas escolas e que tivemos acesso, trataram de investigar o *bullying* a partir da ótica do alunado, por isso na nossa pesquisa nos propomos a estudar a percepção dos professores, já que os mesmos também presenciaram a prática do *bullying* e precisam lidar com essa questão no seu cotidiano, além disso, esses profissionais tem uma visão privilegiada sobre o *bullying*, a qual pode contribuir para entendermos de que forma ele acontece e também a maneira como esse problema é tratado nas instituições.

Do ponto de vista dos objetivos trata-se de uma pesquisa explicativa, pois esta visa, segundo Gonsalves (2001, p.66), “identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno”. Sendo assim, neste estudo buscamos as fontes e as razões que levam a prática do *bullying* nas escolas.

Se tratando do tipo de pesquisa segundo os procedimentos de coleta de dados, se trata-se de uma pesquisa de estudo de caso, tendo em vista que esse tipo de estudo tem como objetivo realizar “uma pesquisa de um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade com o objetivo de realizar uma indagação em profundidade para se examinar

o ciclo de sua vida ou algum aspecto particular desta” (RUDIO, 2007, p.72). Dessa maneira, a presente pesquisa se nutre da interpretação dos dados coletados e da teoria disponível sobre a temática.

De acordo com Gonsalves (2001, p.67) “o estudo de caso é um tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno”. Assim, neste estudo buscamos analisar a percepção dos professores entrevistados acerca do *bullying*, bem como a experiência que esses professores têm com o fenômeno, tendo como objetivo colaborar para o conhecimento e a melhoria do problema estudado, buscamos maneiras de minimizá-lo.

Após a realização da coleta de dados, realizamos as transcrições das entrevistas, onde a partir das contribuições de Bardin (1977), buscamos conservar o máximo de informações tanto linguísticas como para-linguísticas. Após isso, as transcrições passaram por um processo de análise e compreensão, onde classificamos e analisamos o texto transcrito afim de relacioná-los aos nossos objetivos. Dessa forma, essa pesquisa se baseou no método de análise de conteúdo, pois, segundo Bardin (1977, p.30), a análise de conteúdo é um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo e que se utiliza das técnicas de organização, codificação e categorização.

Com este percurso, através da presente pesquisa buscamos compreender o fenômeno *bullying*, bem como mostrar a emergência da discussão e do enfrentamento a essa problemática que cerca o universo escolar atualmente e que traz tantos prejuízos para os indivíduos. Ressaltamos que o nosso objetivo com esse estudo é que possamos contribuir com o entendimento do fenômeno, além de desenvolvermos maiores discussões sobre essa problemática, afim de buscamos soluções para a diminuição desse problema. Intentamos, portanto, que esse estudo sirva como ponto de partida para outros pesquisadores que almejem estudar e aprofundar essa realidade.

2.2 O contexto da pesquisa

Quando demos início ao programa de pós-graduação no início do ano de 2020, a realidade em que nos encontrávamos era totalmente divergente da atual, tínhamos diversas opções de realização da nossa pesquisa, podíamos frequentar a universidade, realizar pesquisas em bibliotecas, bem como adentrar no campo da nossa pesquisa, a escola. Podíamos realizar os encontros presenciais com os participantes da presente pesquisa e observar a prática do fenômeno *bullying* pessoalmente, contudo, não esperávamos ser surpreendido pela pandemia de COVID-19, embora já houvessem notícias de que um vírus muito perigoso estava aterrorizando a China. Todavia, tudo começou a mudar no final do mês de fevereiro de 2020 quando o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado no Brasil⁶.

A pandemia de COVID-19 nos pegou de surpresa e com ela o mundo parou, as instituições escolares fecharam, as universidades, os bares e restaurantes, as igrejas e grande parte das instituições sociais. Não bastasse isso, a pandemia foi responsável pela morte de diversas pessoas que não resistiram a doença, até o momento em que escrevo este tópico da pesquisa, foram divulgados 587.797 mortos⁷ só no Brasil tendo como causa o COVID-19.

Esta realidade nos forçou a modificar nossas formas de interação social, de lazer, de trabalho e de pesquisa, nos fazendo adquirir novos hábitos, antes inexistentes. A pandemia ainda não acabou, mas tudo começou a melhorar, já que as vacinas⁸ já estão sendo fabricadas e aplicadas desde o início desse ano de 2021.

⁶ O primeiro caso de COVID-19 foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020. O paciente era um homem que esteve na Itália, porém, neste mesmo período, mais de uma centena de casos do novo coronavírus ocorreram no país. Fonte: <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

⁷ Estatística completa disponível no site: https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em 15 de setembro de 2021.

⁸ A primeira vacina contra a COVID-19 foi aplicada em 17 de janeiro de 2021 e a primeira pessoa a ser vacinada foi Mônica Calazans, enfermeira de 54 anos que atua na UTI do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/apos-aprovacao-da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1a-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

Dessa forma, o estudo aqui realizado foi repleto de desafios inesperados ocasionados pela pandemia de COVID-19, a qual nos impossibilitou os encontros presenciais com os participantes da pesquisa, dado que durante todo esse período precisamos nos proteger para que não houvesse uma maior contaminação do referido vírus, nos fazendo modificar a nossa forma de investigação do problema aqui estudado.

Assim, o nosso trabalho teve como campo de investigação a internet, a qual se apresentou como uma excelente opção para os tempos de pandemia. Através dela, utilizamos a plataforma do Google *Meet*⁹, a qual possibilita reuniões com transmissão de vídeo, áudio e interação entre os participantes envolvidos a qualquer momento.

Além do Google *Meet*, utilizamos também o Google *Forms*¹⁰, que é um aplicativo de formulários online utilizado para quem precisa organizar inscrições para eventos, convites, avaliações ou autorizações, que foi e está sendo muito utilizado nos tempos de Pandemia. Tivemos como finalidade utilizar o Google *Forms* para que os professores participantes da pesquisa pudessem autorizar sua participação por meio do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), onde abordamos os principais pontos da nossa pesquisa, bem como os objetivos da mesma, elencando os benefícios da pesquisa e deixando claro também os riscos a que os professores estavam submetidos através de sua participação. A escolha dessas opções para coleta de dados, veio do consenso entre a pesquisadora e seu orientador, já que, como dissemos, os encontros presenciais para ambas as atividades foram impossibilitados devido a pandemia do COVID-19.

Optamos por estudar os professores da rede pública de ensino da cidade de Campina Grande-PB por residirmos na mesma cidade e por isso termos um acesso mais facilitado a esses profissionais, bem como a secretaria de educação do município, a qual foi bastante solícita em autorizar a nossa pesquisa.

⁹ O Google Meet é uma plataforma que pode ser acessada por meio do computador, através do site do serviço no navegador, ou celular, por meio do aplicativo próprio da plataforma. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/08/como-funciona-o-google-meet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-o-app.ghtml> Acesso em 15 de setembro de 2021.

¹⁰ Todas as informações sobre o Google Forms foram consultadas na matéria intitulada de: “Google Forms: O que é e como usar o APP de formulários online. Escrita por: Helito Bijora. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/07/google-forms-o-que-e-e-como-usar-o-app-de-formularios-online.ghtml> . Acesso em 15 de janeiro de 2022.

2.3 Os participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 8 professores de escolas públicas que lecionam no ensino fundamental I e II da cidade de Campina Grande, localizada no estado da Paraíba.

A priori, entramos em contato com uma das secretárias de educação do município que nos indicou a diretora de uma escola para que ela nos indicasse alguns professores que pudessem participar da nossa pesquisa. Fizemos o primeiro contato com a diretora, a qual nos indicou alguns poucos professores, os quais logo em seguida contatamos.

Entramos em contato com os professores por meio do *Whatsapp*¹¹ e como já esperávamos alguns nem nos responderam ou simplesmente alegaram não ter tempo de participar da pesquisa. Em contrapartida, em meio a esses contatos que foram disponibilizados pela já mencionada diretora, conseguimos o nosso primeiro contato com uma professora que foi a porta de entrada para conseguirmos novos contatos e consequentemente novas entrevistas, ou seja, a primeira professora nos indicou outros professores que indicaram outros professores e assim por diante.

Os participantes foram de diferentes escolas sendo compostos por homens e mulheres numa faixa etária entre 29 e 50 anos que lecionam diferentes disciplinas, tais como Educação Física, Matemática, Língua Portuguesa, bem como aqueles professores que são Polivalente¹².

As entrevistas foram realizadas de maneira individual e antes mesmo delas acontecerem, os professores já sabiam sobre o que se tratava, bem como tinham conhecimento sobre os objetivos da pesquisa, já que ao contatarmos buscamos sempre explicar sobre o que se tratava, além disso, como dissemos anteriormente o TCLE também adiantava a temática e os objetivos da pesquisa. Mesmo assim, no nosso primeiro encontro sempre ressaltamos o assunto da entrevista e o objetivo do nosso estudo. Além

¹¹ *Whatsapp* é o nome de um aplicativo de troca de mensagens, áudio e transmissão de vídeo via internet. Todas as informações sobre o aplicativo foram consultadas em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

¹² O professor polivalente é aquele que ensina diferentes disciplinas aos seus alunos, geralmente este professor está presente nos primeiros anos da educação básica. Fonte: <https://www.pedagogiacriativa.com.br/2019/09/professor-polivalente.html>

disso, antes de iniciarmos as entrevistas ressaltamos que suas identidades não seriam reveladas por questões éticas e perguntamos se a entrevista poderia ser gravada, já que pretendíamos realizar sua transcrição sem perder a riqueza de detalhes de cada fala.

Dessa forma, os professores aparentaram estar à vontade para responder todas as questões levantadas e todos, sem exceção, tinham conhecimento sobre o fenômeno estudado, embora alguns definissem o *bullying* de maneira superficial. Sabendo-se disso, buscamos sempre no decorrer das entrevistas nos concentrar apenas na temática, mas deixando os participantes à vontade para falar o que desejassem, trazendo à tona suas percepções e formas de lidar frente a essa problemática. Dessa maneira, procuramos trazer questões mais abertas, que pudessem fazer com que os professores dialogassem sobre o tema.

Assim, no decorrer dos próximos capítulos iremos nos remeter aos participantes da pesquisa por meio de nomes fictícios, considerando as questões éticas exigidas em estudos científicos com seres humanos.

Vale ressaltar que, decidimos estudar o *bullying* através da visão dos professores por já termos exercido a profissão de professor do ensino fundamental I e II e principalmente pelo fato de, naquele período em que lecionava, não saber lidar com a prática do *bullying* naquele ambiente escolar. Esses fatores, bem como as leituras realizadas sobre a temática nos fizeram refletir e desejar realizar a presente pesquisa.

2.4 O procedimento de coleta de dados

O procedimento de coleta de dados utilizado foi a entrevista individual e virtual realizada por meio da plataforma do Google *Meet*, a qual, como dissemos anteriormente, funcionou como uma alternativa para realização da pesquisa considerando o momento de pandemia pelo qual estamos vivendo. Para isso, realizamos as entrevistas com cada um dos participantes da pesquisa, os quais nos permitiram gravá-las para que em seguida pudéssemos fazer as transcrições de cada uma delas, já que tínhamos como interesse aproveitar cada palavra e cada um dos lapsos de memória que acometeram os nossos participantes no transcorrer de suas falas.

As entrevistas foram realizadas uma única vez com cada um dos participantes e foram compostas por 15 perguntas que foram enviadas aos participantes antes mesmo de

suas entrevistas, para que pudessem se inteirar dos assuntos e não fossem pegos de surpresa em nenhuma questão. Além disso, antes da realização das entrevistas os participantes preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa que foi exigida pelo Conselho de Ética, onde como falamos, continha todas as informações a respeito da pesquisa, tais como os objetivos e os benefícios adquiridos com a realização da pesquisa. No TCLE continha também os riscos a que os participantes estavam expostos com sua participação.

No início de cada uma das entrevistas procuramos um meio de nos aproximar dos participantes, nos apresentando e falando sobre a nossa pesquisa, para em seguida, iniciarmos cada uma das perguntas que constavam no nosso roteiro. As perguntas foram divididas em três blocos. No primeiro, as perguntas tiveram como objetivo questionar sobre a experiência de cada professor e sua percepção sobre o seu ambiente de trabalho, seus colegas de trabalho e seus alunos. No segundo bloco buscamos entender a visão de cada um dos participantes acerca do conceito de *bullying*, bem como sua experiência com o fenômeno, além de procurarmos entender por meio de suas visões os principais fatores causadores da prática do *bullying* e verificar a maneira que estes professores lidam com essa prática no seu cotidiano. No terceiro e último bloco das entrevistas, tivemos como interesse entender se o *bullying* é um assunto tratado nas escolas que cada professor leciona, além de buscar especular se esses professores se sentem preparados para intervir em situações onde ocorra a prática do *bullying*, bem como se as instituições que esses profissionais trabalham estão preparadas para essa intervenção. Em seguida, os deixamos à vontade para que pudessem acrescentar mais alguma informação que desejassem ou que não tivéssemos falado.

No decorrer das entrevistas, pudemos verificar que o assunto era de total interesse dos participantes da pesquisa, para além disso, notamos que os mesmos sentiam-se bem em poder falar sobre um assunto que muitas vezes é ignorado no seu ambiente de trabalho. Alguns deles, inclusive, chegaram a agradecer pelo espaço, por ser ouvido sobre um tema tão presente no seu cotidiano.

O fato de realizarmos essas entrevistas nos fez refletir sobre o quanto é necessário falar sobre esse assunto, bem como buscar alternativas para sua redução ou mesmo extinção. Alguns dos participantes no transcorrer das entrevistas elencaram a falta de formação sobre essa temática e demonstraram interesse no resultado dessa pesquisa, que pudesse ocasionar em uma futura formação sobre o tema para os docentes.

As entrevistas foram realizadas no período de 30/09/2021 a 19/10/2021 e cada uma delas tiveram a duração entre 15 e 33 minutos, onde nesse espaço de tempo os participantes puderam falar sobre cada uma das questões.

Acreditamos que por meio da utilização das entrevistas como ferramenta de coleta de dados, pudemos realizar a análise dos dados, assim como responder aos questionamentos da nossa pesquisa. Além disso, consideramos que por meio dessa pesquisa, abrem-se portas para o aumento da discussão sobre a temática e conseqüentemente para refletirmos sobre maneiras de reduzirmos esse problema que cerca o ambiente escolar.

2.5 Categorias de Análise

Por meio dos objetivos que propomos com este estudo, pensamos em utilizar três categorias de análise propostas por Bardin (1977) que são: a organização, a codificação e a categorização.

A organização é a etapa que Bardin (1997, p.95) se refere como sendo a pré-análise que é a etapa “de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. Dessa maneira, esta etapa foi essencial, pois nela fizemos um levantamento do que iríamos utilizar e o que não iríamos, para então, passarmos para a segunda etapa.

A segunda etapa é aquela que Bardin (1977, p.103) intitula como sendo a codificação, que se refere ao tratamento do material. Para isso utilizaremos a unidade de registro, onde iremos detectar toda o momento que a palavra *bullying* é falada, e a unidade de contexto, onde iremos verificar o contexto em que o fenômeno é mencionado. Nesse sentido, desenvolveremos esta etapa a partir da observação dos trechos mais importantes de cada fala dos interlocutores, buscando os trechos e frases que mais nos interessam, para posteriormente, passarmos para a terceira etapa.

A terceira etapa consiste naquilo que Bardin (1977) chamou de categorização, que é a fase onde iremos juntar todo o material codificado em categorias de análise, que fizemos através da união de cada questão respondida por meio da entrevista. Dessa

maneira, separamos cada uma das questões e unimos as diferentes falas dos entrevistados sobre a mesma questão abordada, para em seguida, analisarmos as diferenças e semelhanças em suas falas sobre o fenômeno estudado.

CAPÍTULO 3

O *bullying* a partir da visão dos professores de escolas distintas;

O *bullying* tem se tornado um assunto muito comum no universo escolar, seja no meio discente ou docente, em algum momento da vida daqueles que integram as escolas já se ouviu falar mesmo que de maneira genérica sobre o termo *bullying*, ou mesmo sobre seu significado e suas possíveis consequências.

Sendo assim, neste capítulo temos como objetivo, analisar a ocorrência do *bullying* nas escolas de Campina Grande por meio da fala dos professores de algumas escolas públicas do município, explicitando a maneira como eles veem e entendem o *bullying*, assim como, mostrando a maneira como estes mestres agem frente a essa problemática que cerca esse universo e que acaba atingindo de forma direta ou indireta os mais diferentes integrantes do meio escolar.

Dessa maneira, a partir de entrevistas que foram realizadas virtualmente e individualmente, tivemos a oportunidade de entender os fatores causadores do *bullying* nas escolas onde os professores entrevistados lecionam, além de mostrar as mais diferentes visões sobre o fenômeno aqui tratado. São visões que se divergem e se completam ao mesmo tempo e que trazem um pouco da experiência daqueles que tem um importante papel na nossa sociedade, ensinar.

3.1 O contato com os participantes da pesquisa

Realizar a pesquisa de campo não foi nada fácil, em meio a todas as dificuldades que envolvem essa etapa da pesquisa ainda fomos surpreendidos pela pandemia de COVID-19 que nos impossibilitou de realizar as entrevistas presenciais e de observar a prática do *bullying* no cotidiano das escolas. Dessa forma, optamos pela entrevista virtual e individual e essa etapa da pesquisa foi repleta de medo e insegurança. Como iríamos realizar essas entrevistas? Como iríamos nos aproximar dos participantes da pesquisa? Como iríamos passar segurança para o depoente de forma que ele pudesse se sentir à vontade para falar de sua experiência tendo à frente um computador/telefone e uma

pesquisadora até então desconhecida? Mesmo com todos esses questionamentos e dificuldades, fomos em frente e esse percurso, para nossa surpresa, foi leve e proveitoso.

A priori, para escolhermos os entrevistados entramos em contato com uma secretária de educação do município, a qual foi muito solícita nos passando um contato de uma diretora de escola do município para que por meio dessa gestora pudéssemos conseguir alguns contatos.

Entramos em contato com a gestora que nos passou alguns contatos de professores. Posteriormente, contatamos os professores que ela nos indicou e como esperado, alguns responderam que não tinham tempo de participar, outros ignoraram nossas mensagens e para nossa felicidade, em meio a essas negativas, conseguimos nossa primeira entrevista.

Primeiramente, assim como feito com os outros indicados, entramos em contato com ela por meio de mensagens de *Whatsapp*, nos apresentamos, falamos sobre a pesquisa e questionamos se a mesma desejaria contribuir com o estudo. Tendo seu consentimento marcamos a primeira entrevista.

A primeira entrevistada foi uma pedagoga que lecionava, até o término da nossa pesquisa de campo, no fundamental I, mais precisamente no 5º ano de uma escola na qual ela já trabalhava há 13 anos. Este primeiro contato na pesquisa de campo fluiu bem e nos colocou frente ao desafio que é ser professor nos dias atuais. Foi a partir dessa primeira entrevistada que conseguimos contato com outros professores, de indicação à indicação, até chegarmos ao nosso total de entrevistados que foram 8 professores de diferentes escolas e disciplinas e que lecionavam no ensino fundamental I ou II.

Ao fim de cada uma das entrevistas sempre pedíamos aos entrevistados indicações de outros professores que pudessem colaborar com nossa pesquisa. Alguns, inclusive, nos pediram um texto de apresentação sobre nós e sobre a pesquisa que pode ser constatada no apêndice 1.

Dos 8 entrevistados, 4 são pedagogas, 2 são professores de educação física, 1 é professor de língua portuguesa e outra é professora de matemática, contudo, embora sejam professores com diferentes formações, ambos trouxeram contribuições para a nossa pesquisa, como veremos mais adiante através de suas falas.

Após o contato por meio de mensagens no *Whatsapp*/telefone e tendo marcado a entrevista com cada um dos participantes da pesquisa, no dia da entrevista por meio da plataforma Google *Meet*, nos apresentamos novamente e falamos dos nossos objetivos

com esse estudo, afim de buscarmos a aproximação com o depoente, bem como de adquirirmos confiança por parte deles. A partir disso, conseguimos estabelecer uma relação com o depoente e cada uma das entrevistas fluíram bem. Alguns dos entrevistados sentiram-se mais à vontade que outros, mas isso já era esperado, já que estamos lidando com pessoas distintas, contudo a partir de suas contribuições conseguimos responder os questionamentos que nos levaram a desenvolver esta pesquisa.

Gostaríamos de enfatizar que os nomes dos professores entrevistados que aparecem na presente pesquisa, se tratam de nomes fictícios, para que não haja a divulgação da identidade dos nossos interlocutores, levando em consideração as questões éticas que envolvem esta pesquisa.

3.2 Percepções dos professores de Campina Grande sobre o *bullying*

Como dito anteriormente, iniciamos as entrevistas tentando uma aproximação com os professores entrevistados, conhecendo um pouco sobre a sua profissão e sobre a realidade de trabalho na qual eles estavam inseridos, para em seguida, questionarmos sobre o fenômeno em si.

Após esse primeiro contato com os entrevistados, onde questionamos acerca da experiência de cada um deles, adentramos na discussão sobre o fenômeno. Iniciamos questionando os interlocutores se eles já tinham ouvido falar em algum momento sobre o *bullying* e, como esperado, todos, sem exceção, disseram já ter ouvido falar sobre o assunto em algum momento. Como exemplo disso, podemos citar a fala da professora Viviane (professora de Ed. Física, ensina no 6º, 7º e 8º ano) ao ser indagada pela pergunta:

Pesquisadora: O senhor(a) já ouviu falar, em algum momento, sobre *bullying*?

Viviane: *Sim, inclusive faço projetos com meus alunos sobre essa temática já pra prevenir, pra evitar.*

O que nos chamou a atenção na fala da professora Viviane e dos demais entrevistados, foi que havia uma necessidade, logo de início, de demonstrarem que o *bullying* era um assunto tratado em sua instituição ou por ele mesmo dentro da sua sala de aula. Entretanto, na fala de alguns professores, foi pontuado que existe um período do

ano em que o assunto é tratado, demonstrado que esta não é uma temática cotidiana no universo escolar, sendo tratado apenas em momentos específicos, como nos mostra a fala da professora Juliane, quando nos diz:

A gente desde, desde que a gente começa, principalmente na rede municipal sempre tem aqueles temas, é... já faz parte do currículo, né? Inclusive do município. Sempre tem o bimestre que a gente dedica mais ou menos chamado de cultura de paz, que aí que entram né? Esses assuntos mais, que a gente aborda... eu... eles assim... a gente sabe que é uma coisa que não tem uma data específica para se trabalhar mas aí tem aquela época do ano que a gente se dedica um pouco mais de tempo e de energia para trabalhar o racismo, o bullying, o cyberbullying, essas coisas, esses assuntos que geralmente precisam de um pouco mais de atenção. (Juliane, Pedagoga, ensina no 4º ano)

Juliane nos mostra em sua fala que o *bullying* é um tema presente no currículo do município, porém, este é abordado apenas em um período específico, dedicado para isso e não no decorrer de todo o ano letivo, que seria o mais adequado já que se trata de um problema que está presente no dia-a-dia das escolas e que precisa ser discutido constantemente afim de reduzir sua prática no universo escolar.

Contudo, uma das professoras entrevistadas pontuou que o assunto *bullying* é um assunto recorrente na sua sala de aula, sendo tratado cotidianamente e não apenas em períodos esporádicos, como podemos verificar no decorrer de sua fala, quando ela nos diz que o assunto faz parte do seu trabalho “*em sala de aula de muitos anos, de trazer sempre, não apenas quando estamos em campanhas mas assim, quando tem um projeto sobre isso, mas pegando fatos realmente do cotidiano pra que esse assunto faça parte do dia-a-dia mesmo deles*”(Adriana, Pedagoga, ensina no 2º ano).

Observamos a partir dessas falas, que quando o *bullying* é tratado na escola como um todo isso se dá em períodos destinados a discussão da temática, como por exemplo em campanhas que abordem o problema. Quando o assunto é trabalhado em sala de aula se trata de uma iniciativa do próprio professor, que decide trabalhar a temática do *bullying* com os seus alunos. Vendo deste ângulo, podemos entender que há um descompasso entre a prática da instituição escolar e a metodologia do professor em si, mostrando que o *bullying* não é um assunto que está em pauta sempre, mas de maneira esporádica a depender do trabalho de cada professor.

Ao questionarmos cada um dos professores acerca do seu entendimento sobre o conceito do *bullying* e pedirmos para que eles o definissem com suas palavras, a primeira entrevistada, que nomeamos de Luciana, nos definiu o *bullying* da seguinte maneira:

Bullying é quando você diz alguma coisa a alguém, que essa pessoa não gosta e que mesmo assim você não entende que você fez mal a pessoa e você continua, né? Ou até as vezes até para, né? Porque algumas vezes o bullying para aí no primeiro ato. Mas se você faz alguma coisa com alguém, que alguém não gosta, então isso pra mim já é considerado bullying. (Luciana, Pedagoga, ensina no 5º ano)

Na fala de Luciana, podemos notar que há uma confusão acerca do que ela compreende por *bullying* e o que de fato o fenômeno é. Ela inicia dizendo que “*bullying é quando você diz alguma coisa a alguém e essa pessoa não gosta...*”, isso é verdade, porém o *bullying*, conforme nos mostram Manzini e Branco (2017, p. 17), “significa agredir de forma intencional e repetitiva outra pessoa ou grupo, física e/ou psicologicamente, havendo sempre um desequilíbrio de poder entre as vítimas e agressores”. Sendo assim, uma das principais características do *bullying* é que ele ocorre de maneira repetitiva e quando a entrevistada nos diz que algumas vezes o *bullying* para no primeiro ato, notamos que há uma confusão entre o que ela entende como sendo *bullying* e agressões esporádicas, que não são caracterizadas como sendo *bullying*.

Em contrapartida, Viviane (professora de educação física, ensina no 6º, 7º e 8º ano), nos define o *bullying* como sendo “*uma intimidação sistêmica. [...] Pode ser física, psicológica, social...*”. Importante destacar que a interlocutora utiliza o termo intimidação, que tem sido bastante utilizado e incorporado à violência, contudo, conforme coloca Derbabieux (2002, p.26) “a intimidação é um conceito psicologizante que tende a individualizar o problema, responsabilizando apenas o perpetrador e a vítima, ou, às vezes a família” e o *bullying* vai mais além.

Para Candice (professora de matemática, leciona 8º e 9º ano), o *bullying* são “*brincadeiras de mal gosto, são termos, né? Que, que ferem, que machuca, que denigre...*”. Na fala da referida professora, podemos verificar que ela se utiliza da palavra “brincadeira” para definir o *bullying*. O termo brincadeira é sempre muito elencado quando falamos sobre o *bullying*, já que muitas pessoas acreditam que tal prática não passam de brincadeiras próprias da idade. Contudo, Candice prossegue dizendo que são atitudes que “*ferem, que machuca, que denigre*”, podemos entender assim que para a

entrevistada o *bullying* se refere a toda atitude que traz sofrimento ao indivíduo acometido.

Segundo o professor Olavo o *bullying*:

É inferiorizar as outras pessoas, né? Você tirar alguma característica dessa pessoa e fazer com que ela seja menosprezada por essa característica, né? Por exemplo se a pessoa é um gordinho você vai lá vai ficar perturbando o gordinho e vai transformar isso num... numa palavra ruim, né? Aquela criança vai crescer com o trauma de... desse apelido que recebeu, né? (Olavo, professor de educação física, ensina do pré-escolar ao 5º ano)

Olavo associou o *bullying* a diminuição da autoestima do sujeito, dizendo que essa atitude leva a vítima a ter traumas futuros. A autoestima é um fator importante para a qualidade de vida de qualquer indivíduo, pois, conforme aponta Carneiro (2018, 80-81), a autoestima tem o poder de melhorar “de forma significativa o conhecimento de si próprio, mostrando sua capacidade de interagir com o mundo exterior que influencia o ambiente escolar de maneira positiva, diminuindo o preconceito e a violência”, para a autora, a autoestima é capaz de proporcionar confiança e segurança para o indivíduo. Sendo assim, a diminuição da autoestima se apresenta como uma forma de se exercer o *bullying*, porém sua prática em si pode ir além dessa diminuição de autoestima, já que o *bullying* é um fenômeno que pode se apresentar de inúmeras formas.

De acordo com Juliane (Pedagoga, leciona no 4º ano), o *bullying* se refere ao ato de ofender alguém, pois, quando alguém está sofrendo *bullying* “*está passando por uma situação de risco emocional, afetivo [...] físico*”. Para ela o *bullying* está relacionado a intimidação, a ato de fazer alguém se calar. Na concepção da entrevistada o *bullying* é uma atitude que faz com que a criança vitimada “*se amedronte e se isole, se cale, não tenha energia para reagir sobre aquilo sozinha*”. Dessa forma, Juliane relaciona o *bullying* a intimidação e a vulnerabilidade.

Na visão de Paula (pedagoga, ensina em duas escolas da rede municipal, em uma ela ensina no 5º ano e na outra no 3º ano), o *bullying* se refere a agressão física, verbal e também perpassa pela exclusão. Ela pontua:

Eu poderia dizer assim, que seriam ações, comportamentos de intolerância, né? De falta de empatia, de... de não aceitar a subjetividade do outro, o... (pensativa) ... A identidade, as características do outro, a diversidade. Eu acho que envolve isso tudinho, né? O conceito seria amplo, mas em poucas palavras seria uma aversão, uma intolerância, né? A algo que no outro lhe incomoda

sem motivo. (Paula, Pedagoga, ensina em 2 escolas da rede municipal uma ela ensina no 5º ano e na outra no 3º ano)

É importante notar que para essa professora o *bullying* se refere a falta de empatia e de aceitação das características e das subjetividades dos outros. Na literatura sobre o *bullying*, a empatia é um conceito que aparece muito e conforme aponta Manzini e Branco (2017, p. 146-147) “a empatia, bem orientada, é um fator de grande relevância na educação moral e no estímulo a ações e interações pró-sociais entre crianças e adolescentes”, contudo ela “não garante a disposição de cooperar ou de agir em prol do outro”.

Na concepção de Adriana (Pedagoga, ensina no 2º ano), o *bullying* é “*aquela forma de tratar os outros de forma depreciativa [...] seja pelo aspecto físico, seja pelo aspecto é... social, seja por alguma... algum comportamento e que normalmente é travestido de brincadeira*”. Para a entrevistada, o *bullying* está relacionado ao tratamento inadequado e que são ocasionados pelo preconceito relacionado aos padrões físicos, sociais e comportamentais. A fala de Adriana é importante porque ela nos mostra que normalmente a prática do *bullying* é levada como sendo uma brincadeira, que em sua opinião precisa ser desconstruída “*para que essa nova geração entenda de uma forma diferente*”.

Finalmente, segundo o professor Júlio (professor de língua portuguesa, leciona no 7º e 9º ano):

Bullying é uma violência praticada contra pessoas que não tem como se defender na maioria das vezes e que pode acontecer a partir de uma palavra, né? De um xingamento, um palavrão é... seja por uma questão física, né? O menino é baixinho, é gordinho ou a menina tem o cabelo crespo, né? Ou alguém usa óculos. Então geralmente os aspectos físicos eles são os principais alvos daquelas crianças e adolescentes que querem praticar esse ato de violência. Um ato de violência que não é só pela questão física, também muitas vezes acaba acontecendo pelo fato da, da... do estudante não conseguir aprender um determinado conteúdo mais rápido do que os outros e aí ele já é taxado de burro, né? De alguém que não consegue acompanhar, então ele é menosprezado por um determinado grupo de alunos. É uma violência que não precisa necessariamente ser uma violência física, pode ser uma violência psicológica também. (Júlio, leciona língua portuguesa no 7º e no 9º ano)

Para Júlio, o *bullying* ocorre principalmente por questões físicas, todavia sua prática também pode acontecer no processo de aprendizagem, quando um aluno não consegue acompanhar o ritmo dos outros, quando não consegue compreender um

conteúdo específico, etc. De acordo com Júlio, o *bullying* não se refere apenas a prática de violência física, mas pode ser também uma violência do tipo psicológica.

Observamos que Júlio elenca um ponto importante na nossa discussão, pois ele nos diz que o *bullying* pode estar atrelado também ao desempenho de aprendizagem do indivíduo, logo, quando ele não consegue acompanhar os colegas de sala passa a ser menosprezado. Essa questão trazida por Júlio pode estar atrelada a competição existente na sala de aula, que muitas vezes pode se apresentar de maneira negativa, pois conforme nos mostra Manzini e Branco (2017, p. 144), “ambientes competitivos e individualistas estimulam a formação de pequenos grupos e de rixas entre os colegas e grupos, o que favorece a discriminação e a exclusão social”.

Dessa maneira, vemos por meio das falas dos professores, que suas maneiras de entender o *bullying* são diversas, alguns entendem de maneira mais restrita, enquanto que outros atribuem o *bullying* a formas de violência mais amplas. Através disso, notamos que se faz necessário uma melhor compreensão do fenômeno em si para que este possa ser tratado de maneira correta e eficaz no ambiente escolar, pois para tratar qualquer problema é necessário que haja o conhecimento prévio do mesmo e se tratando do *bullying*, que é uma prática que faz parte do cotidiano das escolas, é imprescindível que aqueles que estão à frente da instituição compreendam o seu significado, suas formas de se apresentar e sobretudo as suas possíveis consequências afim de buscar o seu enfrentamento.

Tendo questionado os professores acerca do significado do *bullying*, perguntamos se eles já haviam presenciado essa prática no seu ambiente de trabalho e todos afirmaram que já presenciaram em algum momento durante seu ofício. Vejamos alguns trechos dessa parte da entrevista com uma das entrevistadas:

Pesquisadora: O senhor(a) já presenciou alguma vez a prática do *bullying* durante o seu trabalho?

Luciana: *Sim, é uma constante. Em escola, né? Quem trabalha em escola ver isso constantemente, pelos mais diversos... É... pelas mais diversas temáticas a gente sempre vê essa questão do bullying, independente é de raça, de gênero, de time de futebol... As vezes o bullying acontece por uma conversa simples, que a gente julga que, que não vai ter muita importância, mas acontece e vira uma bola de neve.*

Pesquisadora: Em quais locais mais ocorrem essa prática? Na sala de aula ou em outros ambientes da instituição?

Luciana: *Dentro da sala de aula, é... Acontece, mas é mais contida porque enquanto o professor está em sala de aula eles temem mais, certo? Então assim, entre aspas, eles respeitam mais o professor, então eles procuram não fazer tanto, mas nos... nos corredores e nas horas do intervalo e educação física essa é uma prática mais constante, tanto que sempre depois do horário do intervalo, sempre vem confusão do intervalo por causa de bullying.*

Pesquisadora: Acontece mais de maneira verbal, física?

Luciana: *É começa verbal, né? A agressão verbal, né? De palavras. O preconceito, o pré-julgamento, a não aceitação pelas características físicas, psicológicas ou de outra ordem do outro e começa verbal e acaba sendo física muitas vezes.*

Luciana disse que a prática do *bullying* na escola que ela ensina é uma constante, que ocorre mais durante os intervalos e as aulas de educação física e que normalmente se inicia de maneira verbal, a partir de palavras, de preconceitos, etc., mas que em algumas situações acabam se tornando uma agressão física.

Sabendo disso, questionamos os professores Viviane e Olavo que lecionam a disciplina de Educação Física, se eles já haviam presenciado a prática do *bullying*, e eles nos responderam respectivamente:

Sim, já presenciei e na área de educação física é bem comum, né? A gente vê, devido a diferença de habilidades. Tanto assim, questões físicas mesmo com alunos obesos, com alunos desnutridos, com alunos mais baixos, como também com relação a aptidão de força, de agilidade, de coordenação motora. Então alguns alunos, eles tendem a discriminar quando não tem outra habilidade. Mas eu também trabalho... assim, essa temática é um dos primeiros conteúdos que eu trabalho já pra evitar, pra não constranger os meninos. (Viviane, professora de Educação Física, ensina no 6º, 7º e 8º ano)

Já, diversas vezes! A gente sempre passa... a gente não tem como evitar 100%, né? Eles mesmos dentro da sala, dentro do... da comunidade, sempre tem seus apelidos e a gente fica querendo fazer com que eles mudem a visão, né? Dizendo "olha não é legal você tratar os outros assim" e tudo mais. Muitas vezes até a gente consegue remediar isso, né? Mas tem uns casos que não tem como não. (Olavo, professor de Educação Física, ensina no pré-escolar ao 5º ano)

Conforme pontuaram os entrevistados, o *bullying* se apresenta de maneira constante nas aulas de educação física, tendo como principais causas as questões físicas e as diferenças de habilidades entre os alunos, se manifestando por meio da discriminação. Então aqueles alunos que se sentem mais fortes e ágeis perante outros alunos sentem-se no direito de julgar e constranger os outros como mais frágeis. Isso nos faz pensar na relação de poder que permeia o fenômeno *bullying*.

Segundo Viviane, sabendo dessas questões, a temática do *bullying* é um dos primeiros assuntos a serem tratados em suas aulas, entretanto como apontou o professor Olavo, não há como evitar 100% dos casos de *bullying*, pois isso é algo que já vem da vivência dos alunos fora das escolas.

Juliane, que já trabalhou em escolas do campo, quando questionada sobre a mesma pergunta, nos traz informações importantes, que valem a pena serem compartilhadas. Diz ela:

Por incrível que pareça eu presenciava em muito mais nas escolas do campo porque eu assim... era uma cultura diferente em relação a... por exemplo: a escola que eu tô hoje em dia a gente tem muitas crianças especiais, né? Crianças com necessidades especiais matriculadas e essa convivência querendo ou não é, ela vai é... (pensativa) tirando assim, tirando as crianças daquela, daquela necessidade de... de atacar o outro. Eu não sei se isso... se é isso mesmo assim. O que eu percebo é isso, é que a convivência com outras crianças diferentes, apesar de serem necessidades físicas geralmente é... vai diminuindo essa necessidade, essa briga, essa coisa assim. Acabam participando de uma forma mais direta da vida daquelas crianças tidas como diferentes, né? (Juliane, pedagoga, ensina no 4º ano)

Como podemos ver nos trechos acima, Juliane nos fala que a convivência dos alunos com pessoas com necessidades especiais, acabam influenciando de maneira positiva os alunos, de modo que com a convivência eles passam a aprender a respeitar as diferenças uns dos outros. Sendo assim, acreditamos que a convivência não só com aqueles que portam necessidades especiais, mas a convivência que preze por uma pluralidade em todos os espectros seja ele racial, social, de gênero e orientação sexual, tem muito a influenciar positivamente na redução dos comportamentos de *bullying*. E para além disso, compartilhamos da opinião de Manzini e Branco (2017, p.139), quando nos dizem que “precisamos urgentemente promover e ampliar a discussão de temas como racismo, homofobia e preconceitos diversos” não só no ambiente escolar, mas nos mais variados contextos sociais, tais como no seio familiar, nos locais de trabalho, dentre outros.

Ao questionarmos os entrevistados sobre a última vez que presenciaram essa prática, as respostas foram as mais diversas. Viviane nos informou que no ensino presencial sempre ocorre a prática do *bullying*, principalmente nas primeiras turmas com alunos ingressantes da escola. Pedimos para que ela nos informasse a maneira que ocorre. Vejamos o que ela nos disse:

Em aula mesmo, xingar o outro. Quando a gente faz o exame biométrico, que é comum na... nas aulas de educação física. No início do ano a gente precisa fazer o exame biométrico e vai fazendo no decorrer dos bimestres a avaliação com eles. É... quando a gente vai fazer peso e altura, então a gente observa que os alunos mais baixos, eles... quando é questão de altura eles tem um certo receio. Quando são os alunos que tem o peso elevado tem um certo receio em relação a pesagem porque os alunos sempre discriminam, então eu tento falar sempre assim que, nessa parte né? Eu sempre tento instruir eles antes pra respeitar, mas assim a gente ainda escuta chamar de gordo “Vai quebrar a balança!” é... “Não tem altura suficiente!”, “é baixo” não sei o que. Ai essas coisas assim, de... são crianças então não são tão... não é um bullying tão pesado, mas ao mesmo tempo pra quem escuta né? As vezes acontece uma... um impacto muito grande. (Viviane, professora de Educação física, ensina no 6º, 7º e 8º ano)

Segundo Viviane o *bullying* praticado durante as suas aulas está muito relacionado as características físicas dos alunos (ser gordo, magro, alto, baixo, etc.) que estão ligadas aos padrões de beleza impostos cotidianamente na mídia e na sociedade como um todo, que são repassados para as crianças desde cedo.

Contudo, como mencionamos anteriormente, no período em que realizamos as entrevistas estávamos vivendo um período de pandemia que se estende até o presente momento e por isso, os professores que entrevistamos e que lecionam nas escolas do município de Campina Grande estavam trabalhando por meio do ensino remoto via *Google Meet*, *Google Forms* e *Whastapp*, o que nos levou a discutir o *bullying* também nas aulas remotas, com exceção dos professores de educação física, tais como Viviane, que durante esse período estavam realizando as aulas por meio de gravações e de atividades que eram elaboradas e enviadas para os alunos, havendo a interação apenas de professor-aluno e não dos alunos entre si. Dessa forma, o parâmetro de prática do *bullying* até então trazido pelos professores de educação física eram exercidos no modelo presencial, sendo assim, Olavo e Viviane não exemplificaram a prática do *bullying* no ensino remoto, tal como fizeram os outros professores quando questionados sobre a última vez que haviam presenciado a prática.

Pesquisadora: Quando foi a última vez que o senhor(a) presenciou essa prática?

Luciana: *Olhe, a gente tá remoto desde o início da pandemia, desde março do ano passado, certo? Até os dias atuais. E praticamente a gente não tá tendo problema de comportamento, né? Porque assim, a participação e a interação, como os pais geralmente estão nas salas de aula, né? Então a participação é mais voltada para as atividades mesmo. O ano passado eu não tive nenhum problema de bullying nem de comportamento da forma remota. Esse ano eu já tive um problema com dois alunos novatos que vieram e mesmo no remoto, mesmo no grupo, mesmo com pais, praticaram bullying, e assim, tava demais. E... a direção está no grupo e a direção resolveu suspender um dos alunos porque foi de uma forma mais brusca, mais drástica. E os pais vieram elogiar a direção e a mim, por ter tomado essa atitude porque eles disseram que não tá, assim, que a escola tem que tomar atitude. E realmente tem, né? Realmente tem que tomar. Infelizmente as vezes a atitude tem que ser drástica, infelizmente. Já tenta conversar, tenta resolver na base do diálogo, chamando o aluno, chamando os pais do aluno. Quando não resolve, infelizmente, a solução é essa.*

Pesquisadora: Isso ocorreu na aula remota né?

Luciana: *Na aula remota, esse ano, foi recentemente, nesse último mês.*

Pesquisadora: De que forma aconteceu?

Luciana: *É um aluno novato, pelo que eu percebo ele gosta muito de chamar atenção eu não conheço muito bem porque faz pouco tempo que a gente tem contato e remoto aí é que a gente não tem muita noção de quem é o aluno. Mas assim, eu percebo que ele... acho que tem uma ausência da família, não sei... Ele vive muito largado, certo? E aí o que é que acontece ele quer chamar atenção a qualquer custo e a forma que ele tem de chamar atenção é agredindo os colegas, agredindo os colegas verbalmente, criticar os colegas dizer que os colegas... é... não tão fazendo direito, que os colegas não façam isso, que isso é errado, que o colega gosta não é legal, que só o que ele gosta é legal, então é mais ou menos isso e eu acho que nesse caso específico é uma questão de aceitação, né? Ele procura ser aceito.*

No relato acima, e em outros relatos que veremos mais a frente, é notório que conforme aponta Luciana, no ensino remoto há uma diminuição na prática do *bullying*, isso ocorre porque conforme apontam os entrevistados não há o contato físico entre os alunos e além disso, como os alunos assistem as aulas em suas próprias casas há uma maior supervisão dos pais. Contudo, como pudemos perceber no relato de Luciana, mesmo que de maneira reduzida o *bullying* ocorre.

Conforme pontuou a referida entrevistada, no ensino remoto pouco tempo antes da nossa entrevista ocorreu um fato no qual ela relacionou com o *bullying*. Na ocasião aconteceu de maneira verbal, a partir de críticas e da não aceitação do praticante para com suas vítimas. Segundo pontuou Luciana essa prática em sua visão é ocasionada devido à ausência familiar e por isso o aluno quer chamar atenção, quer ser aceito.

É relevante destacar que conforme nos mostram os trechos acima a providência tomada foi a suspensão do aluno, mas seria essa a melhor solução para o problema? Privar o aluno do conhecimento e da convivência com seus colegas de sala? Não teria uma outra alternativa? Acreditamos que existem outras alternativas, pois “os excessos da punição podem acarretar mais revolta e mais agressividade nos alunos” (Pereira, 2011, p.56).

Além disso, é perceptível que assim como nesse relato e em outros, a família sempre recebe a culpa do comportamento inadequado da criança/adolescente. Essa postura pode ser vista também nas obras que tratam dessa temática, pois conforme pontuou Manzini e Branco (2017, p. 121), há uma “tendência em reduzir apenas às famílias a culpa dos problemas dos alunos”.

Um outro relato que nos chamou atenção foi o de Candice. Vejamos alguns trechos da entrevista com ela:

Pesquisadora: Quando foi a última vez que o senhor(a) presenciou essa prática?

Candice: *Thamiris, a gente tá com eles... A última vez que a gente teve com eles no presencial foi em fevereiro do ano passado, então assim, a gente só teve com eles em torno de 1 mês, 3 semanas, 1 mês. Então foi muito pouco tempo, eles ainda estavam naquele período de é... se matricula, chega na sala. Porque o aluno da rede pública ele tem muito disso, é... tem o período de matrícula ele não se matricula no período de matrícula, ele deixa pra se matricular no dia da aula, no primeiro dia de aula, então no primeiro dia de aula a escola tá assim de gente ó*

(gesto com a mão) pra se matricular. Então ele se matricula, aí fica aquele chamego tão na sala, vão pra outra sala, “Não eu vou mudar de turno”, “não eu vou mudar de prédio”, porque são dois prédios a escola que eu trabalho, tem um mais distante que atende outra comunidade mas que leva o mesmo nome da escola, então eles se mudam e tem semana que vem, tem semana que não vem, a gente fica catando eles “O que é que está acontecendo?”. E aí eles ainda tavam naquela fase ainda, sabe? De se adaptar, então se houve alguma, algum fato foi em fevereiro do ano passado se não só foi em 2019, né? No caso.

Pesquisadora: Hoje a escola está com ensino remoto?

Candice: Aliás, deixa eu dizer a você. É... vou dizer a você, agora veio a lembrança, veio a lembrança assim fresquinha, fresquinha, fresquinha, né? Agora a pouco eu tava com os alunos e um menino disse assim: “Emanuele...”, Emanuele, acho que foi Emanuele que ele falou, “Emanuele, tu gosta de milho enlatado?” aí eu disse: “João você tá distribuindo milho enlatado? Porque se for distribuir eu também quero!”. Eu nem imaginei qual era a brincadeira, né? A brincadeira, né? (gesto de aspas com as mãos). Aí ela disse: “Gosto, porque?” aí ele disse: “Eita, que galinha moderna!”. Quer dizer, foi uma prática de bullying, né? E aí eu fui conversar com ele, pedir que não fizesse mais isso e que ela também não aceitasse essa brincadeira. Porque ela achou engraçado, ela colocou pra rir também, ela foi de volta disse outra coisa com ele aí eu tive que conversar com eles e pedir que não fizessem mais.

Pesquisadora: Foi agora?

Candice: Isso foi agora, foi agora há 20 minutos atrás.

Pesquisadora: E agora no ensino remoto a senhora presencia muito essa prática?

Candice: Não, por incrível que pareça não. Porque apesar de a gente tá com salas com 30-40 alunos, é... a gente dá aula online a poucos alunos, Thamiris, poucos. Agora mesmo essa turma tinha apenas 6 assistindo aula, sabe? Tem turma que tem... eu já consegui assim, turma de 21 alunos assistindo aula, tem turma que aparece 12, tem turma que aparece 4, que aparece 3, já aconteceu de eu passar

o tempo todinho aqui aberto, com o meet aberto e eles não aparecerem aí eu tenho o registro todinho deles, né?

Candice nos informou que não se recorda de quando presenciou a prática do *bullying* de maneira presencial na escola que leciona, porém no decorrer de sua fala ela se recorda de um acontecimento na aula remota de poucos minutos atrás, nos relatando. A entrevistada se refere ao acontecimento como sendo uma brincadeira, o que é muito comum de ouvirmos em quando se trata de agressão verbal no ambiente escolar. Através de sua fala notamos também que há uma confusão a respeito do entendimento sobre o *bullying*, pois, ela se refere a atitude acima transcrita como sendo *bullying* logo de cara sem nos especificar se a prática ocorria de maneira repetitiva contra a mesma vítima. Ao que nos transpareceu, esse foi acontecimento esporádico e dessa maneira não se caracteriza como sendo *bullying*.

Conforme nos disse Candice, no ensino remoto não ocorre muito a prática do *bullying*, em contrapartida, a entrevistada se recorda de um caso, que de acordo com a visão dela, se encaixava com o *bullying*. Um outro fato importante, é o que ela nos diz a respeito da presença dos alunos no ensino remoto, segundo ela, a frequência dos alunos é muito reduzida. Seria essa a razão pela qual não há tanto a prática do *bullying* nesse ambiente remoto?

Ainda no relato de Candice, ela se recorda de um dia que estava acontecendo aulas coletivas via Google *meet*:

Houve um dia que a gente ainda tava assim com aulas coletivas, tava eu e outro professor, eu tava auxiliando ele, dando as autorizações pra os alunos entrarem porque era o primeiro dia que ele ia dar aula no Meet e ele disse assim: “Candice [grifo nosso] eu tô muito nervoso, tu abre a sala do Meet pra mim e fica fazendo as autorizações? Porque eu não vou conseguir me concentrar em fazer as duas coisas.” Aí eu disse: “tudo bem”. Aí nesse dia as turmas também não tavam separadas ainda, a gente ficou com 100 alunos, o que... o que o Meet alcançou. Então era menino assim que era da turma A, B, C, D, mas era 9º ano tava todo mundo junto. Aí nesses dias eles conversaram, brincaram, perturbaram mesmo e eu não sabia onde era que desativava o chat, catuquei, mechê e nada. Eu sei que por último eu acabei tirando o menino da sala porque aqui a culá eu interferia pra pedir a eles o respeito pela aula do professor, que o professor tinha passado o dia anterior todinho organizando aquela aula, pregando quadro na parede, de noite comigo com a câmera aberta “Candice, [grifo nosso] olha se o quadro tá na posição boa.”, pra deixar ok e vocês não tão tendo respeito e aí eles fazem piada comigo também assim, de lado no chat, sabe? Ai chegou o ponto que eu fui e disse: “pronto, a única forma é tirar da sala essa criatura.” Ai tirei, ainda bem que ele não

era meu depois, era de outro professor (risos) (Candice, professora de matemática, ensina no 8º e 9º ano)

Por meio dos trechos acima, percebemos que no ensino remoto há aquilo que a professora chamou de “brincadeiras”, inclusive com ela própria o que ocasionou na expulsão do aluno da sala de aula. Então notamos que há uma falta de atenção por parte dos docentes em relação ao comportamento dos alunos. Segundo apontam Manzini e Branco (2017, p. 120) “a falta de compreensão do termo *bullying* pode levar os adultos a não perceberem o fenômeno nas relações criança-criança ou, ainda, a não intervirem por falta de conhecimento ou compreensão da gravidade do problema”.

Posteriormente, outra professora, que trabalhava em duas escolas do município e no período que entrevistamos já estava no ensino híbrido¹³, nos informou que na volta às aulas já reparou que um de seus alunos se mostra sempre, com suas palavras, “*muito preocupado com o defeito do coleguinha*”. Ela nos relatou o caso dizendo:

Faz... um ano e meio, né? Que estamos no remoto (risos). Mas assim, a gente voltou agora. Então assim, por exemplo, de manhã. De manhã eu tô com... a gente dividiu a turma, tem poucos alunos, mas tem um aluno que... não chega a ser bullying, porque a gente... eu já tô, eu já observei algumas coisas. Mas é um aluno que sempre está é... muito preocupado com.. com o defeito do coleguinha, né? Assim e ele é quem mais não presta atenção e procura e se dispersa. Mas ele tá sempre preocupado em... Já percebi, é uma criança, tem oito anos, mas ele já tem aquela percepção, aquela maldade assim... porque as vezes a gente diz: “Criança não tem maldade!”, mas a gente já percebe o comportamento que vai ser trabalhoso quando, se não for tratado. Ele sempre, já procura algo que aquele coleguinha não gosta ou pra expor, pra mim, né? Sempre falando algo de alguém da sala que incomoda a pessoa e ele tá sempre refutando isso. Refutando não, assim, ele tá chamando atenção pra isso e eu já tô começando assim, a conversar com ele, já disse que não é assim que ele procurasse fazer as coisas dele, deixasse a forma que as pessoas... que os outros colegas fazem e agem. Pra cada um cuidar de si. Então assim, eu já percebo que é um aluno que pode trazer problema desse tipo de... em situações de bullying esse ano ainda. (Paula, pedagoga, ensina em duas escolas municipais no 5º e no 3º ano)

Paula nos informou que um de seus alunos está sempre expondo o defeito do colega, sempre falando algo de alguém da sala que o incomoda. Ela nos diz ainda que o aluno já “*tem aquela maldade*”. Fazendo uma pesquisa rápida pela internet, a palavra

¹³ Ensino Híbrido é o nome dado ao ensino que mescla a forma presencial e online. As informações relacionadas a essa nomenclatura foram pesquisadas no site: <https://www.cenpec.org.br/tematicas/o-que-e-e-como-funciona-o-ensino-hibrido> . Acesso em 18 de janeiro de 2022.

maldade¹⁴ significa “característica de mal, da pessoa má, cruel, ruim, perversa”, mas será que uma criança de 8 anos já tem essa maldade? Para ela, o comportamento do aluno precisa ser tratado, caso contrário será um comportamento trabalhoso futuramente e que em sua ótica poderá se tornar um *bully*.

A referida professora nos disse ainda que procura conversar com o aluno para que ele mude esse comportamento, observamos que essa então seria a sua forma de intervenção frente ao problema, em contrapartida, acreditamos que a própria professora julga que essa forma de intervir não é tão eficaz, visto que ela nos diz que é um comportamento que precisa ser tratado. Questionamos a respeito do ensino remoto como veremos abaixo:

Pesquisadora: No remoto acontece?

Paula: *No remoto o que a gente vê, assim, por exemplo: Com minha turma da tarde, que é uma turma do quinto ano que eles são maiorzinhos, que participam mais, assim, aquela... não chega nem a ser um bullying, mas assim, aquele... uns querendo constranger... o aluno fala um... A gente fazendo a atividade, interagindo com a atividade, aí um diz uma resposta que não tem muito a ver com o que eu tô tratando aí os outros já ficam rindo, querendo ridicularizar, né? e a gente já tem que intervir: “Não, mas a gente tem que falar! A gente tá aqui pra aprender e nada que a gente diga é absurdo. Eu também sou aluna, eu sou aluna e sou professora, quando eu tô na minha sala de aula como aluna eu também as vezes me sinto envergonhada de abrir a boca, de dizer a professora o que eu acho sobre um tema, mas aí é importante porque a gente só cresce com diálogo, a gente tem que ouvir o que o outro acha. Nada é tão absurdo”. Então eu só vejo essa questão mais assim de um aluno diz algo que não é cer... que não tem a ver com o que eu tô tratando e os outros ficam rindo, colocam no chat mesmo, né? “hahaha” e eles não gostam, né? Ninguém gosta de ser ridicularizado. Mas só isso assim, coisas simples, não é nada... (pensativa).*

Pesquisadora: Mais essa coisa da intimidação, né?

¹⁴ Significado retirado do site: <https://www.dicio.com.br/maldade/> . Acesso em 18 de janeiro de 2022.

Paula: Isso é de constrangimento, né? De rir de alguma coisa que... já querem chama o outro de burro. Não chegou a chamar, assim... que não presta atenção, que não tá entendendo a disciplina, aí as vezes dizem que... Um único aluno sempre diz que o outro não tá fazendo as atividades de matemática tá usando a calculadora, aí o outro... entendeu? Assim, querendo já julgar o outro porque o outro faz a atividade, mas tudo assim dentro do entre aspas, do normal, né? de conflito de sala mesmo, nada muito grave.

Nos trechos acima descritos vemos que, de acordo com a professora, no ensino remoto existe o ato de constranger ou mesmo ridicularizar aquele aluno que responde algo de maneira incorreta ou que não consegue acompanhar o conteúdo. Vemos no relato de Paula que há a tentativa de intervenção frente ao problema, mas que essa atitude se apresenta como sendo ineficaz, já que os problemas continuam.

Um outro fato que nos chama atenção nos trechos acima é que problemas de implicância como esse presente no relato de Paula é visto como não sendo muito grave ou como sendo normal pelos próprios professores. Isso nos faz refletir sobre a necessidade do conhecimento sobre o fenômeno, suas possíveis consequências e formas de lidar de maneira mais eficiente.

Indagados sobre os tipos de violência mais perceptíveis, os professores elencaram a violência do tipo verbal como sendo a mais aparente.

Pesquisadora: Quais os tipos de violência entre os alunos mais perceptíveis para o senhor(a)?

Olavo: A verbal geralmente é só o insulto né? Poucas vezes eles... eles passam pro, pro físico até porque a gente sempre tá, tá ali inibindo, né? Sempre tem o... o corpo sempre fica presente, sempre tem pessoas de olho, sempre buscam cortar isso, né? Do começo.

Olavo, nos disse que a violência verbal é a mais perceptível para ele e que esta normalmente é praticada por meio de insultos que dificilmente progride para uma violência do tipo física.

Ao ser indagada pela mesma questão, a professora Candice nos disse:

Juntando tudo é essa violência verbal mesmo assim de falta de respeito, de ficar com termos obscenos, sabe? De falar palavras inadequadas com o próprio colega, com a mãe do colega, com o irmão. É essa agressão verbal mesmo, assim, agressão física é muito difícil deles terem, sabe? É muito difícil mesmo, mas mesmo essa questão do bullying mesmo, é essa agressão verbal. (Candice, professora de matemática, ensina no 8º e 9º ano)

Para a referida professora, a violência do tipo verbal é a que mais ocorre. Esta acontece através da falta de respeito com os colegas, termos obscenos e palavras inadequadas. Na sua visão, a violência física dificilmente acontece.

Observamos que há uma tendência dos professores de compararem a violência verbal com a física e normalmente eles tendem a ver a violência do tipo verbal de maneira menos prejudicial se comparado com a violência física. Entretanto, conforme nos mostram alguns autores que já mencionamos anteriormente, a violência verbal pode trazer consequências negativas iguais ou superiores a do tipo física, a depender de como a vítima ver e reage sobre aquele ato. Essa comparação é notória também na fala de Júlio, quando ele nos diz que a violência mais perceptível para ele é a do tipo psicológica.

A violência psicológica, eu acho que é a mais forte nesse momento. Já presenciei muitas vezes violência física, muitas vezes mesmo. Inclusive menina já adolescente com seus 14-15 anos brigando mesmo, uma segurando o cabelo da outra lá. Então, eu é que fui separar, em muitos momentos eu fui separar. Eu já, já presenciei meninos pegando cadeira pra danar no outro e eu tive que entrar na frente, depois inclusive me disseram: “Não faça isso! Não entre na frente que é você quem vai se machucar!”. Mas é porque eu não consigo, eu acredito que a maioria dos professores, não conseguem ver, né? Um aluno sendo... recebendo uma ação violenta, agressiva e você ficar só gritando ou correndo pra chamar alguém. Geralmente eu vou pra cima mesmo que seja menino até maior que eu vou pra cima pra não deixar que a coisa chegue em um nível muito elevado assim que você não tenha mais controle. No caso hoje o que eu mais vejo é violência psicológica, como eu mencionei anteriormente, alguém que não consegue acompanhar, que não tem o mesmo ritmo dos demais, ele geralmente é taxado de burro, né? E eu combato muito isso dentro da sala de aula, mesmo que muitas vezes o estudante que tá sofrendo a violência ele demonstre que não tá sentindo nada. A gente sabe que sente. Ninguém em sã consciência admite ser xingado e acha isso interessante, acha isso agradável. Principalmente quando se trata de adolescente, né? Que tá numa fase de transição muito forte, transição física, emocional e que muitas vezes quer ser aceito por determinados grupos, muitas vezes se submete a esses grupos, fazendo coisas até que não gostaria de fazer pra exatamente não sofrer

esse tipo de violência, então eu vejo muito assim, violência psicológica nos dias atuais. (Júlio, professor de língua portuguesa, ensina no 7º e no 9º ano)

A violência do tipo psicológica apontada pelo interlocutor, pode ser denominada também de violência verbal, já que como exposto no trecho acima, esta geralmente é praticada por meio de xingamentos como “burro”, por exemplo. Dessa forma, vemos que a violência do tipo verbal ocorre de maneira mais acentuada e normalmente é praticada através de xingamentos, preconceitos e pelo ato de diminuir o indivíduo vitimado.

3.3 Fatores causadores do *Bullying* na visão dos professores

Observando as transcrições das entrevistas realizadas com os professores entrevistados, verificamos alguns fatores mais frequentemente mencionados por eles na prática do *bullying* em cada uma das instituições onde lecionavam até o período em que realizamos a pesquisa de campo.

Conforme poderemos ver nos trechos abaixo selecionados, alguns dos fatores citados pelos professores como causadores do *bullying* no universo escolar foram: a questão da aparência física, do preconceito racial e de gênero, a criação familiar e a situação econômica.

Pesquisadora: Na sua visão quais são os fatores que mais causam a prática do *bullying*?

Luciana: *É, assim, eu continuo na minha vivencia de acadêmica, de pedagoga, em escolas e 20 anos de aula, eu continuo dizendo que criança não nasce com nenhum tipo de preconceito, né? O preconceito é adquirido conforme o meio social em que ela vive. Então todos os preconceitos e os bullyings que acontecem são de acordo com o que a criança vivencia, minha opinião é essa, né? Então assim, se a criança ver em casa um preconceito racial, ou um preconceito de gênero ou qualquer outro tipo de preconceito... ela vai retribuir, é... ela vai colocar isso na escola, na rua, nos locais que ela vive, né? Então ela vai replicar*

isso. Então a criança não nasce com isso ela adquire principalmente através dos adultos, principalmente.

Na visão de Luciana o preconceito aparece como sendo o principal fator causador de *bullying* no ambiente escolar e, para ela, esses preconceitos são adquiridos a partir da vivência da criança com os adultos, contudo como podemos ver nos trechos acima, a interlocutora atribui esse comportamento a instituição familiar.

A percepção de Luciana muito se assemelha as dos outros entrevistados que também citaram a questão familiar como sendo um dos principais fatores que ocasionam na violência escolar. Exemplo disso são os trechos citados por Olavo ao ser indagado pela mesma questão:

Olha, eu acho que vem muito de... de casa, né? Vem muito da família, muitas vezes a gente pega aluno que não usa... não pega nem num objeto cor de rosa porque o pai diz que ele vai ser homossexual, é... muitas vezes o pai e a mãe diz para o próprio aluno “esse menino é gordo”, “esse menino não faz nada não porque é gordo”, “esse menino não vai fazer nada porque ele é desnutrido, o menino não tem força”... eu acho que vem muito de casa, sabe? Eles sempre, sempre... por falta de estudo, né? Sempre pegam algum ponto da criança para tentar controla-la, né? (Olavo, professor de educação física, ensina do pré-escolar ao 5º ano)

Segundo Olavo, o preconceito de gênero e a questão da aparência física são os fatores que mais contribuem na prática do *bullying*. Essas questões, de acordo com o interlocutor, são apreendidos dentro de casa com a própria família. Para ele, esses comportamentos permeados por visões de preconceito e rejeição a certos padrões físicos, são características presentes no lar dos alunos e que podem estar atreladas a falta de estudo, de conhecimento por parte dos pais.

Júlio também citou a criação familiar como sendo um fator que tem influência na disseminação do *bullying*. Para ele um dos principais causadores da violência escolar diz respeito a:

Em primeiro lugar é a formação inicial desse... dessa criança, desse adolescente nos lares. Hoje em dia a gente tem muitas casas, muitas famílias com os lares é... que vivem em turbulência, né? E as crianças e adolescente

muitas vezes veem na figura do pai ou da mãe, do avô, do tio, as pessoas que moram com eles, veem muitas práticas de violência uns com os outros, de palavrões, de falta de respeito, de desvalorização tanto entre os que são responsáveis por ele quanto dos responsáveis para com ele. E as vezes isso faz com que ele até revide em casa, né? Não tenha o devido respeito pelos mais velhos, porque os mais velhos também não se dão ao respeito. Essa desestrutura familiar muitas vezes acaba causando uma repercussão negativa da conduta do aluno no dia-a-dia. Do, do, do ser humano, né? Nos adolescentes, na criança, nos mais diversos ambientes sociais, especificamente no escolar. Acho que esse é um ponto mas existem diversos outros que a gente podia passar uma manhã inteira aqui falando, mas esse aí eu acho que ele é crucial. (Júlio, professor de língua portuguesa, ensina no 7º e no 9º ano)

A partir dos trechos descritos acima, fica claro que a instituição familiar, na visão dos entrevistados, é um aspecto preponderante na prática do *bullying* nas escolas. Esse posicionamento também é muito comum nas falas de alguns autores estudiosos do fenômeno *bullying* no Brasil tais como: Fante (2018), Pereira (2009), Carneiro (2018), dentre outros autores.

Acreditamos que a família tem sim um papel importante em quando se trata da educação de crianças/adolescentes, porém, como dito anteriormente, o indivíduo sofre influência de todo o contexto social em que vive, não sendo a família a única responsável por influenciar o seu comportamento no ambiente escolar e em outros contextos sociais.

O trecho de uma das entrevistadas que nos referimos como Juliane é muito importante de ser destacado, pois ela enfatiza em sua fala a responsabilidade que toda a sociedade tem no combate ao *bullying*, demonstrando que esta é uma tarefa conjunta e não apenas da família. Vejamos alguns trechos do nosso diálogo:

Pesquisadora: Na sua visão quais são os fatores que mais causam a prática do *bullying*?

Juliane: Tem muita coisa, assim o que causam eu acho que é realmente uma, a falta de uma (pensativa)... de uma educação assim, que prepare esses alunos, esse povo, essas crianças pra vida, tanto quanto falta também formação pros professores, por exemplo, eu acho. Pra intervir nessas horas, tipo eu me formei pela UFCG e eu não tive... eu não lembro em nenhum momento que eu tive esse tema abordado em nenhuma aula, então tipo, né? É uma coisa super atual, uma

coisa muito... que acontece todos os dias, que é notícia, que acontece crimes por aí, a gente não... não... (Internet da participante caiu).

A gente começa lá na formação do professor, eu acho que muita coisa... tem muitas lacunas ainda que precisam ser preenchidas e na escola, tanto na prefeitura, na rede, falta formação para esses professores, uma formação continuada sobre isso. Tem material, a gente sabe que tem lei, a gente sabe que tem é... tá no currículo, mas isso não é discutido é só impresso no papel e é distribuído. Isso querendo ou não. Tá me ouvindo?

Isso querendo ou não faz falta na hora da prática, na hora de a gente lidar de fato quando acontece alguma situação do que saber fazer porque o que acontece a gente na hora de... que acontece, que a gente vai agir a maioria das vezes a gente quer tratar aquilo como uma coisa bem, assim: “Vamo abafar o caso!”, é... “Não vamos conversar sobre aquilo pra não dá muito alarme, fazer um alarme muito grande, fazer... sabe?” A intenção é como se fosse assim, “Vamo abafar o assunto”, Não vamo deixar chegar na casa do aluno que ele sofreu isso porque vai dar uma confusão!”. Então pra evitar a gente pega e “Não olhe, não faça isso não!”, “Num sei o que, num sei o que!”... Pronto, morreu ali e que ninguém mais toque no assunto pra não ficar, né? é... prolongando! É mais ou menos isso. Então de todo jeito falta uma educação tanto das crianças, tanto pros professores, pras famílias, pra equipe da escola, pra saber intervir, pra o pessoal da limpeza, do apoio, da merenda, em tudo porque eles que fazem parte da escola, eles que estão vendo lá na hora do intervalo o que é que acontece, a criança que bate, que sofre bullying, que apanha dos colegas, que... né? Que é taxado de alguma coisa, de algum rótulo lá, por alguma coisa que ele tenha. Então tudo isso assim, pra mim, é falta de realmente uma educação que promova essa... esse conhecimento em todos os sentidos e as escolas não tem isso, as escolas não são preparadas, é um trabalho muito individual, cada professora faz o seu trabalhinho ali, não tem uma coisa... não tem uma culminância, uma coisa importante, tipo é... eu conheço outras pessoas que... (a internet da participante travou).

Quando acontece não é discutido e aí fica aquela coisa muito (participante olha pra baixo pensativa), uma coisa muito pontual, uma coisa que não é pontual, é

uma coisa que é muito... que abrange muito, que tem... que acontece muito. Não adianta eu trabalhar na minha sala o que aconteceu com meu aluno, mas eu não posso compartilhar com o teu porque é... vai, vai abrir alguma coisa, sei lá! Assim, vai abrir algum problema. Num é? Era pra ser tratado com mais naturalidade, não no sentido de “Ah, isso é normal!”, mas no sentido de “Vamo combater, de fato!”, “Se acontecer vamo resolver!”, “Se for preciso chamar os pais, vamo chamar!”, “Se for preciso tomar atitudes mais drásticas, vamo tomar também!”.

Segundo Juliane, o principal fator causador do *bullying* diz respeito a falta de uma educação para toda a comunidade/sociedade. Para ela deveria existir desde o início da formação de cada professor, ainda na universidade, disciplinas que tratassem da questão da violência presente nas escolas, pois este é um problema que faz parte do dia-a-dia delas e é uma questão que o professor tem que lidar diariamente, contudo muitas vezes esses profissionais não tem o conhecimento suficiente para isso, assim como a própria escola, a qual para ela ainda não está preparada para tratar desse problema. Conforme pontuou a entrevistada, todo o corpo escolar deveria ter orientações sobre como proceder frente ao *bullying* no seu cotidiano, e para além disso, a família também precisa adquirir conhecimentos sobre a temática para que todos, em conjunto, possam reduzir essa prática nas escolas. Concordamos com as colocações de Juliane, pois como ela pontuou tanto as escolas como os professores não sabem muito bem como enfrentar o problema do *bullying* de maneira que realmente haja sua redução ou mesmo prevenção.

Entretanto, a maioria dos professores entrevistados quando questionamos sobre como agiam frente ao problema do *bullying*, responderam que procuravam conversar com as partes envolvidas buscando trazer a conscientização dos sujeitos participantes sobre aquele problema. Todavia, os próprios professores nos disseram que com poucos dias após intervirem por meio da conversa o problema voltava a acontecer, não sendo dessa forma, resolvido. Como nos mostram os trechos da entrevista com Paula:

Pesquisadora: Como o senhor(a) age frente a prática do *bullying*?

Paula: *Eu nunca consigo ficar calada, assim, nunca consigo, assim, é muito difícil pra mim. Eu me sinto muito tocada e eu geralmente gosto assim, de esclarecer,*

de chamar, paro a aula se possível e faço aquele sermão e vou tentando mostrar, se bem que a gente fala, fala depois eles fazem do mesmo jeito. Mas assim, eu não consigo ficar (pensativa)... não, não, assim... como é que eu posso dizer? Não mediar esses conflitos, eu não consigo ficar... eu tenho que chamar a atenção do, do que tá praticando o bullying, tento chamar na consciência, né? Mostrando que... só que assim, é um trabalho de formiguinha porque assim eles vivem... tem muito a ver com o lar que eles vivem, né? As referências que eles têm. O espelho que eles têm em casa de pai, de mãe, né? Então é muito difícil a gente em pouco tempo tentar desconstruir algo que é construído na família, mas o que gente... é o possível, né? Passiva eu também não consigo ficar, não consigo fazer “Ah é assim mesmo! Eles já vem de uma realidade assim, não posso fazer nada.” Não, eu fico nesse meio termo de indignação mas não cruzo as mãos não, os braços não, eu tento chamar atenção, paro a aula, me desgasto falando, mas eu não consigo ouvir sem, sem tá tentando chamar atenção pra que aquilo ali é errado e que a gente não pode julgar o coleguinha, não pode achar que é melhor que o outro. É isso, eu não consigo ficar!

Os fragmentos acima nos mostram que apenas o diálogo frente a prática do *bullying* se mostra ineficaz, posto que o problema volta a acontecer após um curto espaço de tempo. Isso nos faz refletir sobre a necessidade de novas formas de intervenção perante essa problemática.

3.4 As escolas e os professores estão preparados para enfrentar o *bullying*?

Muito se tem discutido acerca dos problemas que o *bullying* pode causar aos envolvidos, no entanto, poucos são os relatos sobre como as escolas e os professores se sentem perante esse fenômeno. Nas entrevistas que realizamos, procuramos trazer respostas a esses questionamentos, pois acreditamos que por meio deles podemos oferecer saídas para o enfrentamento ao problema do *bullying* nas escolas.

Dos oito professores entrevistados, seis disseram que na escola onde trabalham a temática do *bullying* é discutida, um dos professores disse que o assunto é pouco tratado

e uma outra professora disse que o *bullying* não é uma temática discutida em sua instituição. Abaixo estão alguns trechos da entrevista que realizamos com Viviane:

Pesquisadora: Na escola que o senhor(a) trabalha o *bullying* é um assunto discutido/tratado? Se sim, me fala de que forma.

Viviane: *Sim, a gente trabalha muito até porque a gente trabalha muito com a metodologia de projetos. Então a gente tá sempre trabalhando esses temas. E até porque assim, lá o público é assim... tem uma diversidade muito grande, então tem alunos que mesmo em idade escolar, que antigamente não era tão comum a gente vê, mas hoje em dia isso já é mais normal, que assumem opção sexual (pausa) não é nem opção sexual que chama é orientação sexual, então antes tinha um certo tabu, mas hoje em dia eles já costumam respeitar. Então a gente sempre trabalha nisso, porque como tem uma diversidade de público muito grande e a gente já sabe, né? Então todos os anos sempre tem projetos que trabalham essa temática.*

Pesquisadora: *Como são esses projetos?*

Viviane: *Palestras, durante as aulas, é... oficinas, depende do professor! Mas assim, sempre tem.*

Viviane nos disse que a escola onde ela trabalha trata da questão do *bullying* por meio de palestras, projetos e oficinas que contemplam a temática, todavia, segundo ela nos informou esses projetos dependem muito do professor, isso nos leva a entender que essa temática acaba sendo trabalhada de maneira muito individual a depender da iniciativa de cada professor. Contudo, segundo a entrevistada essa prática tem gerado bons resultados, pois, os alunos têm passado a respeitar mais uns aos outros.

Quando indagado pela mesma questão, Olavo nos respondeu que a escola onde ele trabalha trata muito pouco da temática, somente quando acontece os casos onde eles precisam conversar com os envolvidos. Todavia, projetos que tragam temáticas antibullying não são levadas para a escola onde ele leciona. Dessa forma, compreendemos que o assunto só é tratado quando é praticado, nos mostrando que a temática não é um assunto abordado na instituição.

Observamos em algumas falas, que conforme apontaram os professores, muitas vezes a escola tem a intenção de discutir e tratar o problema do *bullying*, contudo estas não sabem de que maneira. Faltam profissionais para auxiliar o corpo escolar e isso é notório na fala de Adriana quando nos diz:

É como eu te falei, né? Eu cheguei esse ano, mas é falado sim de acordo com a vivência que eu tenho da minha filha. É um pessoal que sempre tá é... atento a todo comportamento, inclusive na escola tem a psicóloga que é... não é muito fácil a gente encontrar psicólogas, né? nas escolas é... de Campina Grande, a gente tem essa defasagem e a psicóloga tá sempre atenta, tá sempre... tá sempre buscando esses casos, mas a gente sabe que por mais que a escola se interesse e procure é... eu acredito que o pessoal de apoio, a equipe pra isso é ainda muito pouca, ainda tem muito... a gente precisa ainda de um reforço nesse sentido [...] A escola tem a intenção mas ela precisa de mais. (Adriana, Pedagoga, ensina no 2º ano)

Segundo Adriana, a filha dela estuda há muito tempo na escola onde ela trabalha, então sua vivência na escola é maior na situação de mãe do que na posição de professora. Conforme aponta a entrevistada, a escola onde ela ensina tem o diferencial de ter uma psicóloga, o que é essencial nos dias atuais, mas que em contrapartida não é muito comum nas escolas do município de Campina Grande. Além disso, ainda na visão da interlocutora os funcionários da instituição estão sempre muito atentos aos comportamentos dos alunos, no entanto ela acredita que a escola precisa de mais, uma vez que a equipe que a escola conta é ainda muito pequena.

Quando indagada sobre como a instituição trabalha a questão do *bullying*, Adriana nos respondeu:

Com palestras, com (pensativa)... com atividades nas salas, com projetos desenvolvidos na própria escola que envolvam todas as séries. É... com trabalhos em que os próprios alunos eles é... coloquem, né? a, a, a... partilhem com os outros o que eles estão sentindo. Muito nesse sentido. (Adriana, pedagoga, ensina no 2º ano)

A forma de tratamento do *bullying* na escola onde Adriana trabalha muito se assemelha com a que Viviane nos mencionou em seu relato, pois em ambas as instituições o trabalho é feito por meio de palestras e atividades em sala. Entretanto, Adriana reconhece que a escola tem a intenção de discutir o assunto, mas que é um problema que

ainda é trabalhado de maneira insuficiente, pois na visão da professora a escola precisa de mais.

Em contrapartida, na escola da professora Juliane o assunto do *bullying* não é discutido no seu cotidiano. Atentemos para o que ela nos informou:

Então, não tem, não tem uma, uma... (pensativa). Uma coisa junta, como você fala assim, uma colaboração não tem, uma parceria não tem! É um trabalho muito individual é... É, embora todas as turmas trabalhem a gente não faz uma culminância, por exemplo que seria muito interessante. Depois uma turma apresentar a outra o que aconteceu, o que aprendeu sobre aquilo, não tem! O que vem realmente é o que já vem no currículo da, da secretaria de educação que é aquelas semanas para trabalhar determinados assuntos e aí é pra rede toda, né? Todo o município trabalha aquela mesma coisa, naquele mesmo tempo, mas pronto, é só aquilo. Não tem uma... um compartilhamento, não tem! É muito isolado. (Juliane, pedagoga, ensina no 4º ano)

Juliane nos disse que não existe uma parceria entre a escola e o corpo docente para discutir a temática, o que há é um período destinado para discussão do assunto de forma individual por meio do professor, sendo assim, não há um compartilhamento do conhecimento adquirido. Isso nos deu a entender que a temática é tratada meramente como se fosse um conteúdo que deve ser dado durante um curto período de tempo em sala de aula. Isso é preocupante, pois o *bullying* é um problema presente no cotidiano das escolas e que, em contrapartida, não está em pauta.

Quando questionamos os professores sobre a maneira como a escola intervém frente ao *bullying* escolar, estes nos disseram que acreditavam que a escola estava preparada para o seu enfrentamento. Atentemos o diálogo abaixo:

Pesquisadora: O senhor(a) acredita que a escola onde trabalha está preparada para intervir em situações de *bullying*?

Candice: *Se elas estão preparadas? Estão, elas estão preparadas. A gente... a gente tem acesso a órgãos assim, tipo ministério público, conselho tutelar, que sempre quando a gente aciona eles... eles nos recebem, nos atendem, sabe? Às vezes é um paliativo, mas de toda forma tentam nos dar um suporte dentro do que*

eles podem também, porque a gente sabe que tudo é limitado, né? Às vezes querem fazer coisa melhor, mas não podem.

Para Candice, a escola está preparada para intervenção do *bullying* pelo fato de a instituição trabalhar juntamente com outras instituições públicas tais como o ministério público e o conselho tutelar. Dessa maneira a mesma confirma que a escola apresenta soluções reativas e/ou corretivas quando o *bullying* ocorre, mas na nossa percepção, não existem soluções preventivas ao problema do *bullying*, o que segundo mostramos anteriormente é essencial.

Já na concepção de Adriana, a escola onde ela ensina está preparada para intervir perante a prática do *bullying*, mas essa forma de enfrentar o problema ainda se apresenta como sendo insuficiente, pois conforme podemos ver nos trechos abaixo, a interlocutora acredita que a escola precisa de uma rede de apoio maior.

Está, mas eu acredito que precise vir de cima uma rede de apoio pra que a gente possa... porque o... pra mim o projeto não é suficiente. Um projeto desenvolvido e ações é... diárias é... são importantíssimas, mas ainda não são suficientes porque a gente precisa de uma rede de profissionais que trabalhem essa questão. Porque a gente sabe que muitas das vezes quem pratica bullying, elas já sofreram bullying então as vezes tem crianças ali que não tem, não tiveram um tratamento, que não tiveram acesso aquele profissional, que de repente vai trazer um outro mundo pra aquela criança. (Adriana, pedagoga, ensina no 2º ano)

Adriana tocou em um ponto importante quando nos disse que se faz necessária uma rede de apoio maior com profissionais que trabalhem a temática do *bullying* e que se faça presente diariamente, pois muitos dos alunos praticantes do *bullying* já foram vítimas e não tiveram a atenção necessária naquele momento e, por isso, exercem o *bullying* como forma de se sentir superior aquele acontecimento.

Ao indagarmos os entrevistados sobre sua capacidade de intervenção frente ao *bullying*, sete dos professores entrevistados nos informaram que se sentiam preparados para intervir em situações onde ocorra o *bullying*, sendo dois deles com ressalvas e

somente uma das entrevistadas nos disse que nem sempre acredita estar preparada. Observemos algumas das respostas dos entrevistados:

Sim, me sinto, me sinto porque em primeiro lugar eu tenho empatia com qualquer tipo de situação com qualquer criança e quando eu vejo uma criança em situação de risco, no caso eu encaro o bullying como uma situação de risco, risco de traumas pro resto da vida, eu me vejo no local da criança e eu me sinto totalmente responsável por ela ali naquele momento, então aquele momento a única pessoa capaz de defender uma criança naquela hora sou eu, então naquela hora eu a gente, a gente esquece um pouco que a gente é professor e a gente encara mesmo a questão do pai da mãe pra tentar proteger a criança. (Luciana, pedagoga, ensina no 5º ano)

Luciana nos disse que se sente preparada pelo fato de ela ter empatia pela criança vitimada. A professora nos informou que se sente responsável pelos seus alunos e que no momento em que se depara com um caso de *bullying* ela esquece que é professora e exerce o papel de pai/mãe afim de tentar proteger a criança daquela situação.

Notamos que quando questionada a entrevistada demonstra que sua intervenção está muito voltada para aqueles indivíduos que são vítimas da prática do *bullying* e este ponto aparece em comum com outros entrevistados. Dessa maneira, esses trechos nos fizeram refletir sobre a situação dos outros sujeitos envolvidos na prática do *bullying* tais como o indivíduo praticante e aqueles que somente observam o ato. Essa reflexão nos alerta para a necessidade de os professores repararem também nesses sujeitos que perante o acontecimento, em muitos casos são deixados em segundo plano, mas que são também participantes desse ato e, por isso, podem também sofrer as consequências do fenômeno.

Vimos através da fala de Luciana que ela realmente se sensibiliza com os atos de *bullying* praticados diante dos seus olhos, mas apenas o fato de proteger a criança e sentir-se empática se mostra insuficiente como forma de enfrentamento ao problema.

Em contrapartida, Paula nos informou que se sente preparada para intervir, mas que não sabe se sua forma de intervenção é eficaz. Diz ela:

Preparada pra intervir sim, não sei se com eficácia, né? (risos) Porque assim, depende muito de cada caso, mas assim, sempre estou preparada, assim... pra intervir da forma como eu tô vendo, entendo a situação ali, dentro da minha

ótica na sala de aula, né? Eu tento é... sempre, não deixar pra lá, como eu te falei. Não deixar pra lá, porque eu já tenho experiências antigas que a gente acha que não é nada, vai só reclamando e depois aquilo ali vai ficando embaixo do tapete, como uma bola de neve e depois se torna uma bolona maior. Então assim, por experiência própria eu já vou, já procuro, já ir... quando eu sinto indícios eu já começo a fazer o trabalho, já junto aquele aluno que tá provocando e junto... já procuro ajuda da escola, né? pra também tá comigo nessa, chamar a família. Sempre eu procuro assim, me antecipar já por experiências antigas. (Paula, pedagoga, ensina em 2 escolas da rede municipal em uma ela ensina no 5º ano e na outra no 3º ano)

Segundo Paula, algumas experiências que ela teve em sala de aula no passado, onde houve a ocorrência do *bullying*, ela foi apenas reclamando e acabaram tomando outras proporções, a ensinaram a tratar o problema logo de início. Por isso, quando ela nota algum caso de *bullying* ela já começa a trabalhar em cima do problema, conversando com os envolvidos, buscando a ajuda da escola e da família afim de não prolongar o problema. Todavia, como pontuou a interlocutora ela não sabe se esse modelo de intervenção utilizado por ela é realmente eficaz.

Uma outra entrevistada nos deu um relato interessante, pois ao ser indagada pela mesma questão, nos informou que já foi vítima de *bullying* e que essa experiência, juntamente com o fato de ela pesquisar a temática a fazem sentir-se preparada para a intervenção do problema.

Sim, eu acredito que sim pela (pensativa)... pela minha experiência, né? Nos diversos níveis, pela minha experiência de ter sofrido bullying também e saber como eu me sentia sendo a mais baixinha, sendo a mais magricela, sendo a mais... é... Um avô de um aluno meu chegou no pátio da escola e disse: “Meu Deus, eu olhava essa professora dando aula e eu via uma mulher e eu vendo assim é uma coisinha tão pouca, tão miudinha. Ai meu Deus!”, tipo não foi um bullying (risos), mas mostra como realmente essa questão física ela de certo modo ela fala um pouco, né? Sobre como as pessoas veem os outros. Então, é... eu me sinto preparada a partir do momento que eu pesquiso realmente, a partir do momento que eu quero buscar estratégias, que eu quero encontrar soluções eficazes pra algum problema que venha a acontecer em sala de aula. (Adriana, pedagoga, ensina no 2º ano)

Adriana nos informou que procura sempre pesquisar e buscar estratégias para o enfrentamento ao *bullying* no cotidiano da escola e por meio de sua fala observamos que

este é um esforço individual da professora e não algo que é exercitado pela instituição escolar.

Ao mesmo tempo em que a entrevistada falava sobre sua busca pelo conhecimento do fenômeno, nos trouxe exemplos sobre como os padrões físicos que são impostos socialmente se apresentam como um fator decisório nas relações entre os indivíduos e que muitas vezes são a causa de alguns conflitos presentes na sociedade, nos atentando para a necessidade de desconstrução desses modelos.

Ao final das entrevistas questionamos os professores se eles desejavam acrescentar alguma coisa, deixando um espaço em aberto para que eles pudessem falar sobre o que desejassem. Nesse sentido, todos os professores falaram sobre a importância da discussão desse problema nos dias atuais e apontaram para a necessidade de se falar mais sobre o tema.

Alguns dos entrevistados apontaram que a questão do *bullying* deve ser ampliada para além da instituição escolar, como foi o caso da professora Paula quando nos disse:

Eu acredito que a questão do bullying é uma questão muito ampla, complexa, que não é na escola... só na escola que se resolve. É uma questão que já vem, vem da cultura familiar, da criação dessas crianças, da própria sociedade de hoje, né? Imediatista, do cancelamento, dos juízes, né? Tanto da internet, quanto os juízes que as vezes tem... tem um, como diz o ditado, tem um defeito diferente do meu mas acha que... que é superior. Então assim, nós estamos sempre julgando, por mais que a gente tente trabalhar isso. Então a gente tá sempre olhando pro outro com olhar de julgamento, né? E a partir dos nossos valores. A gente sempre tem essa questão, a gente ver o outro a partir do nosso universo. Então eu acredito que o bullying é uma, é uma... é um problema que não é nem... é um problema mundial, né? Não é só brasileiro, é um problema mundial. É um problema grave, é um problema que traz consequências muitas vezes drásticas, mas que ele precisa ser enfrentado, né? Precisa ser enfrentado. A caminhada é longa, a gente tá como é? Dando os primeiros passos agora. Só o fato de tá em pauta esse tema, da gente reconhecer, porque eu acho assim, pra a gente resolver qualquer problema na nossa vida ou na sociedade precisa-se reconhecer que existe. Quando você reconhece que aquilo existe, aí você pode tá preparado pra começar a pensar nele, como é que você vai resolver. Então eu acho que esse passo já foi dado. Assim, eu acredito que nas, nas experiências que eu tenho nas escolas que eu passei, e... por estudar, por ver, por experiências de outras pessoas que trabalham, outras escolas, a gente sabe que esse assunto tá sendo discutido, tá sendo tratado, tá sendo estudado, porque você tá, você tá estudando aí já está mostrando, né? (risos) que a gente tá pesquisando, está tentando mecanismos de entender o fenômeno pra poder trabalhar e mudar a realidade. Então eu acho que o primeiro passo já foi dado, que a gente vê... reconhecer que o problema existe, que é grave, que é sério, que traz danos a família, a criança, ao adolescente, ao adulto, a família, a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Então

só em saber que existe esse problema e que a gente precisa combatê-lo e se munir de ferramentas pra isso eu acho que já é um grande passo. Mas a jornada é muito longa. (Paula, pedagoga, ensina em duas escolas da rede municipal em uma ela ensina no 5º ano e na outra no 3º ano)

Conforme nos disse Paula, o *bullying* é um fenômeno complexo que é resultado de fatores sociais e familiares, bem como da cultura do julgamento que busca analisar o outro a partir de suas próprias experiências e visões, sendo assim, a entrevistada relaciona o *bullying* a uma visão etnocêntrica. De acordo com Carvalho (2009, n.p.) o etnocentrismo “consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas”.

Todavia, de acordo com Paula, o primeiro passo para a melhoria do problema da prática do *bullying* já foi dado, pois só o fato de estarmos discutindo o assunto é um avanço, porém, a jornada para resolução desse problema é longa.

Em contrapartida, outros professores acreditam que resolver a questão do *bullying* é muito difícil, dado que esse problema já existe a muitos anos, o que impossibilita sua resolução, como foi o caso da fala de Luciana, presente nos trechos abaixo.

Olha só, é... como eu disse, o bullying sempre vai existir, infelizmente. É uma dívida bem antiga e que a gente vai ter muitos anos pra frente, muitas décadas pra pagar e eu acho que a gente não consegue nessa geração resolver esse problema. É, mas algo tem que ser feito, né? Pra não piorar a situação da nossa sociedade. Muitas vezes a família não sabe resolver esses conflitos que existem, então acho que a escola tem um papel fundamental nessa história. A gente enquanto educador, a gente enquanto instituição, a gente tem obrigação de fazer algo por essas crianças, por esses adolescentes, pra que a nossa sociedade não fique mais doente do que já tá, né? Pra não ter mais prejuízos pra ela e eu acho que o papel da escola é muito maior do que transmitir conteúdo e conceitos, a gente tem que ensinar essas crianças, esses adolescentes, a gente tem que prepará-los para a vida e... é... A gente combatendo o bullying a gente prepara sim eles para serem adultos melhores, menos traumatizados, pessoas mais empáticas e pessoas que vão sofrer menos por problemas que a gente vai enfrentar aí na vida. (Luciana, pedagoga, ensina no 5º ano)

Luciana acredita que o *bullying* é uma dívida antiga, que é necessário décadas para pagar, e que por isso, sua resolução torna-se muito difícil de acontecer ainda nessa geração. Contudo, a referida professora acredita que algo precisa ser feito para que a situação não piore e, para ela, a escola tem um papel fundamental nessa história. Luciana

atenta ainda para o fato de que a missão da escola vai além da transmissão de conhecimento, sendo responsável também por preparar os indivíduos para a vida coletiva.

A visão da professora é importante porque demonstra que o objetivo da escola não pode ser apenas o de ensinar os indivíduos, é necessário que as escolas entendam sua missão e a coloque em prática, pois o que temos visto é que há uma certa isenção da instituição nesse quesito.

Uma outra visão que é importante destacar é a do professor Bráulio, quando ele aponta o papel familiar como sendo capaz de desconstruir os padrões impostos na sociedade cotidianamente, por meio do carinho, produzindo indivíduos mais amorosos e tolerantes frente as diferenças. Vejamos o que ele nos disse:

Então, eu reforço assim, que as famílias, independente da sua configuração consigam trabalhar mais a questão do carinho, né? Desmistificando essa questão do homem ele, ele não pode ser sensível, ele não pode chorar, ele não pode gostar de um filme de romance, ele não pode ler um livro que trate com carinho das mulheres, ele sempre tem que ser machão. Não! Eu acho que isso tem que ser desmistificado. E o menino, ele tem que compreender que a menina tem que ser valorizada, tem que receber carinho e ele próprio pode ser sensível. Eu acho que isso já vai causar uma mudança interessante com relação as práticas que hoje a gente vê, né? De, de homicídio e tudo o mais, que aí já é um outro assunto, mas isso acaba se refletindo ao bullying também. Porque uma criança que ela desde cedo vê carinho nos relacionamentos familiares, nos relacionamentos sociais, né? No grupo no qual ela está inserida, se ela percebe valorização do outro, eu acredito que ela vai crescer num ambiente em que ela não se permitirá ser uma agressora no futuro. Então quanto menos adolescentes e adultos caminharem nesse caminho de agressividade dentro de casa, menos bullying nós teremos de enfrentar no nosso dia-a-dia. (Bráulio, Professor de Língua Portuguesa, ensina no 7º e 9º ano)

Os trechos acima destacam o papel familiar como sendo fundamental para desenvolver a valorização do outro. Independente da configuração familiar, um lar que preza pelo amor e atenção aos indivíduos tende a desenvolver crianças menos agressivas e conseqüentemente, é capaz também de trazer uma redução na prática do *bullying* nos demais ambientes sociais.

É interessante ressaltar o fato de alguns professores terem enfatizado a gratidão pelo espaço onde eles puderam falar sobre o problema e serem ouvidos. Isso nos fez refletir sobre a necessidade que esses professores têm de compartilhar suas experiências

em sala de aula, as quais muitas vezes são responsáveis por tornar o ambiente escolar mais pesado e de difícil convivência, tal como podemos analisar nos trechos abaixo, que correspondem a fala de Juliane:

Eu queria [...] agradecer pelo espaço porque é sempre bom ser ouvido, né? Enquanto professor assim na rede, a gente precisa de um pouco de voz de espaço pra... pra falar das suas demandas que não, não é todo mundo que para pra escutar, né? E as pessoas ainda não... não dão muito ouvido a gente, acho que você sabe também como é que funciona. E que, você quando terminar sua pesquisa compartilhe conosco. É... quem sabe você não passa uma formação para a gente (risos). Né? fica aí a dica, né? Quem sabe a gente movimenta pra fazer alguma coisa! Porque eu acho muito importante compartilhar os resultados das pesquisas porque assim... É coisa nova, são temas muito importantes pra o nosso dia-a-dia e a gente sempre precisa de um auxílio extra, então é isso aí. [...] É muito importante a sua pesquisa pra a gente. (Juliane, pedagoga, ensina no 4º ano)

Vale ressaltar, a proposta da entrevistada em aplicarmos uma formação para professores que vise o melhor entendimento deles a respeito da temática e que traga o conhecimento necessário para o enfrentamento ao problema quando ele ocorrer, visando uma intervenção mais assertiva por parte desses professores frente ao fenômeno.

3.5 Resultados dos dados coletados

Como demonstrado no início dessa pesquisa, foram vários os questionamentos que nos levaram a desenvolver esse estudo sobre o *bullying* no universo escolar. Buscamos trazer as respostas pretendidas a partir das narrativas dos professores participantes da pesquisa. Nela buscamos verificar a frequência em que ocorre a prática do *bullying* no ambiente escolar, objetivamos entender a forma como os docentes compreendem o conceito do *bullying*, procuramos também detectar os principais fatores causadores do *bullying* na visão dos entrevistados e, por fim, tivemos como interesse verificar a maneira como esses professores agem frente a essa problemática.

Dessa maneira, conforme explicitamos no decorrer desse estudo, por meio das entrevistas realizadas com os nossos interlocutores, podemos concluir que a prática do

bullying é uma constante no universo escolar e todos os professores entrevistados disseram já ter presenciado essa prática em algum momento durante o seu ofício.

Observamos por meio das narrativas dos participantes da pesquisa que, estes entendem o conceito do *bullying*, mas muitas vezes esse entendimento é limitado, já que, como demonstramos na fala de alguns professores o *bullying* muitas vezes é relacionado a qualquer tipo de violência que ocorre entre os alunos na instituição escolar, quando na verdade, o fenômeno tem como principal característica o fato de ocorrer de forma repetitiva contra uma mesma vítima ou grupo.

Por meio da análise dos dados coletados pudemos verificar que o *bullying* nas escolas de Campina Grande, ocorre de maneira diversa, assim como em outras instituições do país, porém o tipo mais recorrente, apontado por nossos entrevistados foi o *bullying* que ocorre de maneira verbal e que é realizado por meio de apelidos, xingamentos e humilhações.

Embora o objetivo do nosso trabalho não seja especificamente estudar o *bullying* no ensino remoto, este foi um tópico falado por todos os entrevistados, considerando o momento de pandemia no qual o mundo está presenciando. É interessante notar que os professores falaram que a prática do *bullying* no ensino remoto quase não ocorre, mas verificamos algumas dessas falas de maneira contraditória, pois, embora os professores dissessem que não havia *bullying* em suas salas de aula virtual, eles davam exemplos de atitudes que eles mesmos identificavam como sendo *bullying*. Contudo, se compararmos o ensino remoto com o ensino presencial, verificamos que a prática do *bullying* ocorre de maneira mais significativa no ensino presencial e isto deve-se ao fato de no ensino remoto haver uma menor frequência dos alunos, uma maior supervisão dos pais e à ausência do contato físico entre os alunos.

Conforme apontaram os entrevistados, os fatores causadores do *bullying* são diversos, contudo, o fator mais frequente nas falas dos professores foi a aparência física (ser gordo, ser magro, ser alto, ser baixo). Entretanto, foram apontados também como fatores causadores do *bullying* o preconceito racial e de gênero, a situação econômica, a desestrutura familiar e ter um sotaque que difere dos demais.

Observamos que a maioria dos professores optam pelo diálogo quando presenciaram a ocorrência do *bullying* e, quando se deparam com casos extremos, os docentes buscam a intervenção familiar ou da direção da escola. Somente um dos oito professores entrevistados, disse que toma a frente em casos onde ocorra a violência física.

No que se refere ao questionamento que fizemos a respeito da postura das escolas no tratamento do *bullying*, somente um professor informou que o assunto não é tratado na sua instituição, outra professora informou que o assunto é pouco tratado, enquanto que os outros seis professores nos informaram que o assunto era discutido nas suas respectivas instituições. Contudo, por meio das falas dos entrevistados, verificamos que esse tratamento é ineficaz, já que este ocorre em momentos esporádicos.

A respeito da intervenção das escolas frente ao problema, sete dos oito professores entrevistados nos disseram que as escolas estão preparadas para intervir em situações onde ocorra o *bullying*, sendo assim, somente um dos professores entrevistados nos disse que a escola onde ele leciona não está preparada para o enfrentamento a essa problemática. Da mesma maneira, sete dos oito professores nos disseram que se sentem preparados para enfrentar o *bullying*, sendo que dois desses sete professores nos disseram que se sentem preparados, mas que não sabem se suas maneiras de intervir são eficazes. Em contrapartida, somente um dos professores afirmou que nem sempre considera-se preparado para esse enfrentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de responder as questões que nos motivaram a desenvolver a presente pesquisa, iniciamos a nossa discussão trazendo os principais conceitos que norteiam o nosso estudo. A priori, buscamos discorrer sobre o conceito de violência a partir das contribuições de diversos autores que tratam da temática, descrevendo seus tipos e formas de se apresentar na sociedade, demonstrando que a violência é um fenômeno plural e multifacetado, já que ela pode se apresentar de diversas maneiras a depender do espaço onde é praticada.

Em seguida, abordamos a violência no ambiente escolar, apontando a sua principal maneira de se apresentar neste ambiente como sendo através da prática do *bullying*. Trouxemos então, as contribuições teóricas sobre o fenômeno *bullying*, apresentando suas características, os atores participantes e as formas com que ele pode se manifestar no ambiente escolar.

Posteriormente, discorreremos acerca dos efeitos que a prática do *bullying* pode ocasionar na vida dos indivíduos, alertando para o fato de que esses efeitos dependem das interpretações e da maneira com que os sujeitos participantes lidam com o problema, posto que as consequências advindas de sua prática podem ser diversas. Observa-se, sobretudo, que alguns indivíduos são totalmente impactados negativamente pelo fenômeno, carregando suas consequências ao longo de suas vidas, outros passam por essa experiência de maneira divergente, não considerando seus efeitos a longo prazo.

Dessa forma, por meio desse estudo, buscamos analisar a recorrência do *bullying* nas escolas de Campina Grande por meio da percepção de oito professores que lecionam no ensino fundamental I e II de diferentes escolas do município, demonstrando o que esses docentes entendem acerca do fenômeno, como lidam com a sua prática, além de buscar também verificar os principais fatores causadores da prática do *bullying* a partir da ótica desses profissionais.

Por meio das entrevistas que realizamos de maneira individual e remota, levando em consideração o momento de pandemia pelo qual o mundo está passando, observamos que estes professores entendem o *bullying* de maneira limitada, o que na maioria das vezes impacta na forma como estes agem frente ao problema. Além disso, identificamos que a prática do *bullying* muitas vezes está atrelada a outros tipos de violência que não necessariamente se caracterizam-se como sendo *bullying*. Isso demonstra, portanto, que

muitas vezes o *bullying* é visto de maneira deturpada pelos próprios profissionais que integram a instituição escolar e isto é preocupante, considerando que os professores presenciam essa prática de violência cotidianamente, o que exige uma postura adequada desses docentes diante do problema.

Também constatamos que o *bullying*, conforme apontado pelos professores entrevistados, tem sempre como razão questões como a aparência física, situação socioeconômica e visões de preconceito tanto racial como de gênero, dentre outros. Isso nos levou a acreditar que o *bullying* está muito relacionado a visões de intolerância com o que diverge do padrão estabelecido socialmente.

Verificamos, por meio das entrevistas, que a prática do *bullying* dá-se mais de maneira verbal, mas isso não anula o fato de o fenômeno se apresentar também de outras formas, tais como a forma física, psicológica, moral.

Por meio da nossa pesquisa, notamos que há uma certa insegurança por parte dos professores em se demonstrarem aptos a intervir frente ao problema, mesmo que a maioria tenha respondido que se sente preparado para enfrentar o *bullying* quando este ocorre diante deles. Observamos, ademais, que os professores necessitam de espaços para falar e compartilhar questões que envolvam a temática, pois este parece ser um assunto pouco discutido e trabalhado nas escolas municipais de Campina Grande. Podemos dizer então que a nossa pesquisa deu esse espaço de fala a esses profissionais, que demonstraram-se estar à vontade para falar do tema e que, ao mesmo tempo, sentiam-se privilegiados em compartilhar suas experiências, percepções e inseguranças diante de um problema tão constante no seu dia-a-dia.

No entanto, concluímos que há uma ausência da discussão sobre a temática nas escolas do referido município e isso aponta para a necessidade de ampliar esse conhecimento no universo escolar, visando uma melhor compreensão sobre o fenômeno por parte do corpo docente e da própria instituição, que conseqüentemente demonstre formas de evitar o problema e que quando ele ocorrer haja uma intervenção mais assertiva.

Além disso, notamos que há a carência do conhecimento das famílias dos discentes, o que aponta para a necessidade de ampliação do conhecimento também para a instituição familiar, que vise em conscientizá-los, visto que muitos dos professores apontaram as famílias como não tendo conhecimento suficiente sobre o referido

problema, o que ocasiona em um enfrentamento ineficaz também por parte dos familiares dos indivíduos praticantes, vítimas ou observadores.

Dessa maneira, os resultados da nossa pesquisa demonstraram que a prática do *bullying* é uma constante, o que aponta para a urgência de trabalhos que priorizem a temática nas escolas, que tenham como objetivo uma melhor formação dos professores sobre a questão e que visem a compreensão destes sobre o fenômeno aqui tratado, pois, assim como foi dito por uma das nossas entrevistadas, entender o problema é o primeiro passo para a mudança desse cenário e para a busca de alternativas que tragam melhorias para a questão.

Por fim, acreditamos que o presente trabalho alcançou os objetivos a que se propôs e desejamos que este sirva como exemplo para a compreensão da sociedade sobre o problema e as consequências que o *bullying* pode trazer. Além disso, intentamos que, por meio desse estudo, as escolas se atentem para a necessidade de investir em discussões que envolvam a temática e que este seja um assunto recorrente no universo escolar e que não seja tratado apenas em momentos específicos, considerando que este é um assunto complexo e que pode acarretar em consequências que podem perdurar ao longo da vida dos indivíduos envolvidos.

Gostaríamos de enfatizar que este estudo não termina aqui, pois através dessa pesquisa desenvolvemos o interesse de posteriormente criarmos uma formação para professores de uma das escolas do município de Campina Grande, visando beneficiar esses profissionais com o conhecimento e aprofundamento da prática do *bullying* e suas implicações, demonstrando maneiras de evitá-lo e de enfrentá-lo, para que atitudes dessa espécie possam ser, cada vez mais, erradicadas do nosso sistema educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro, Edição FLACSO: 2012.

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. VARELLA, Fabiano Lima Santiago. **Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola**. IN: ABRAMOVAY, Miriam. *Escola e Violência*. Brasília: Unesco. 2002.

ARENDET, Hannah. **Da violência**. 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, Lisboa – Portugal. 1977.

BAZZO, Juliane. **Da tortuosa elucidação do trágico: A agência da noção de bullying em meio a eventos extremos de violência juvenil**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.18, p. 38 – 73, jan/jul, 2017.

BERNARDO, André. **Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419> . Acesso em: 10 de agosto de 2021.

BLOMART, Janine. **Evitando a violência no ambiente das escolas primárias**. In: DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (Orgs). **Violência nas Escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: 2002, 35 – 56.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. IN: **O poder simbólico**. Editora Bertrand Brasil: 1989, 7-15.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 11 – 90.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19 no Brasil**. Dados até 14/09/2021. Disponível em: https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html . Acesso em: 15 de setembro de 2021.

CARNEIRO, Núbia Célia. **Enfrentamento do bullying no ambiente escolar**. Ed. Jundiaí [SP]: Paco, 2018.

CARPENTER, Deborah; FERGUSON, Christopher. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo, SP. Butterfly, 2011

CARVALHO, José Carlos de Paula. Etnocentrismo: Inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/K5bV8WP4bQm7sYrNHYQMW5r/?lang=pt#:~:text=Para%20Jean%20Duvignaud,.universos%20e%20culturas%20%22diferentes%22> . Acesso em: 09 de fevereiro e 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência no Brasil**. Revista: BioEthikos – Centro Universitário São Camilo, 2011.

COWIE, Helen; SMITH, Peter. **Violência nas escolas: Uma perspectiva do Reino Unido**. IN: DERBABIEUX, Éric; BLAYA, Catherine Violência nas Escolas: dez abordagens europeias. Brasília: 2002, 247-253.

DEBARBIEUX, Eric. Cientistas, políticos e violência: Rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência das escolas?. In: DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (Orgs). **Violência nas Escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: 2002, 13 - 29.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 8º edição: Campinas, SP: Verus editora, 2018.

FATOS DESCONHECIDOS. **Os 4 piores castigos que os professores aplicavam nos alunos**. 2015. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/os-4-piores-castigos-que-os-professores-aplicavam-nos-alunos-de-antigamente/> . Acesso em: 08 de setembro de 2021.

GARRETT, Filipe. **Como funciona o Google Meet? Veja perguntas e respostas sobre o app.** TechTudo, 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/08/como-funciona-o-google-meet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-o-app.ghtml> . Acesso em: 15 de setembro de 2021.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 1891.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Editora: Perspectiva. 1974, 15-69.

LEMONS, Marcela. **Como Surgiu o Novo Coronavírus (COVID-19).** Tua Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/misterioso-virus-da-china/> . Acesso em: 13 de agosto de 2021.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, vol. 81, nº5. Porto Alegre, nov. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 22 de julho de 2021.

MANZINI, Raquel; BRANCO, Angela; **Bullying, escola e família enfrentando a questão.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. **Reflexões sobre a violência na condição moderna.** Tempo social; Rev. Social. USP, S. Paulo, 11(1): 157 – 175, maio de 1999.

MELLO, Vanessa. **Os efeitos da violência: Consequências nocivas dessa exposição cada vez mais constante afetam a saúde pública e a individual.** Revista PUCRS, Porto Alegre, Nº 191, Julho/Setembro 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/os-efeitos-da-violencia/> . Acesso em 26 de agosto de 2021.

MONTOYA, Yves. **Violência nas escolas: Orientação e situação atual das pesquisas na França**. In: DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (Orgs). **Violência nas Escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: 2002, 35 – 56.

OLWEUS, Dan. **Bullying at School: Basic Facts and Effects of a School Based Intervetion Program**. 1994.

ORTEGA, Rosário. **O projeto de Sevilha contra a violência nas escolas: Um modelo de intervenção educacional de natureza ecológica**. In: DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine (Orgs). **Violência nas Escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: 2002, 197-220.

PEDAGOGIA CRIATIVA. **Professor Polivalente**. 2019. Disponível em: <https://www.pedagogiacriativa.com.br/2019/09/professor-polivalente.html> . Acesso em: 15 de setembro de 2021.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PINHEIRO, Chloé. **Grande estudo mostra como o coronavírus chegou e se espalhou pelo Brasil**. Veja Saúde, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/> . Acesso em: 15 de setembro de 2021.

RUDIO, Fraz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. ed. Vozes. – Petrópolis, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Vanderlan Francisco. **A face da violência escolar: O bullying. Um estudo de caso na rede pública de ensino em Campina Grande-PB.** (Relatório de Pesquisa PIBIC UFCG/CNPq), 2011.

SILVA, Vanderlan Francisco. **Conflitos e violências no universo penitenciário brasileiro.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

WEBER, Max. **Sociologia da Dominação.** In: WEBER, Max. **Economia e Sociedade Fundamentos da Sociologia Compreensiva.** Volume 2, Editora UNB: São Paulo, 2004.

APÊNDICES

Apêndice 1: Convite aos professores para participação na pesquisa sobre bullying

Convidamos os senhores professores que lecionam na rede pública de ensino do município de Campina Grande e que estejam lecionando atualmente no ensino fundamental I ou II para participar da nossa pesquisa sobre Bullying no ambiente escolar. A pesquisa está sendo desenvolvida para uma dissertação sobre a referida temática no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG. A pesquisa se dará a partir de uma entrevista breve via Google Meet, onde iremos conversar a respeito de sua percepção sobre esse fenômeno presente no universo escolar. Esta pesquisa irá trazer grandes contribuições, além de apontar formas de enfrentamento a essa problemática que muitas vezes traz prejuízos para o corpo docente e discente.

Desde já agradecemos por sua contribuição.

Atenciosamente

Apêndice 2: Roteiro de entrevistas

Roteiro

Bloco 1:

- 1) Me fala um pouco sobre a tua experiência enquanto professor(a).
- 2) Qual a sua percepção acerca da escola que o/a senhor(a) trabalha (o ambiente, os alunos, os funcionários).
- 3) O senhor(a) já ouviu falar, em algum momento, sobre o bullying?
Se não ouviu, em algum momento o senhor(a) já chegou a conversar mesmo que informalmente com alguém sobre o bullying?

Bloco 2:

- 4) O que o senhor(a) entende sobre o conceito bullying?
- 5) O senhor(a) já presenciou alguma vez a prática do bullying durante o seu trabalho?
- 6) Quando foi a última vez que o senhor(a) presenciou essa prática?
- 7) De que forma aconteceu?
- 8) Quais os tipos de violência entre os alunos mais perceptíveis para o senhor(a)?
- 9) Na sua visão quais são os fatores que mais causam a prática do bullying?
- 10) Como o senhor(a) agiu diante desse acontecimento?

Bloco 3:

- 11) Na escola que o senhor(a) trabalha o bullying é um assunto discutido/tratado?
Se sim, me fala de que forma.
- 12) O senhor(a) acredita que a escola que o senhor(a) trabalha está preparada para intervir em situações de bullying?
- 13) O senhor(a) enquanto professor se sente preparado para intervir em situações onde ocorra a prática de bullying entre seus alunos?
- 14) Durante a pandemia, no ensino remoto, o senhor(a) verificou a prática do bullying? Se sim, quais foram as diferenças nessa prática?
- 15) Deseja acrescentar alguma informação sobre o assunto, algo que não te perguntei ou que não conversamos e que o senhor(a) ache interessante?

Apêndice 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA PESQUISA VIRTUAL

TCLE para participação na pesquisa intitulada "Bullying escolar: Uma análise das narrativas dos professores a respeito da prática de violência física e simbólica nas escolas públicas de Campina Grande-PB", tendo como pesquisadora responsável Thamiris Porto Vasconcelos, sob orientação do Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva, ambos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

Endereço de e-mail:

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu em pleno exercício dos meus direitos, me disponho a participar da pesquisa intitulada "Bullying escolar: Uma análise das narrativas dos professores a respeito da prática de violência física e simbólica nas escolas públicas de Campina Grande-PB". Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos: O trabalho "Bullying escolar: Uma análise das narrativas dos professores a respeito da prática de violência física e simbólica nas escolas públicas de Campina Grande-PB" terá como objetivo geral analisar a ocorrência do bullying nas escolas públicas de Campina Grande-PB a partir das narrativas dos professores do ensino fundamental I e II. Ao voluntário, só caberá a autorização para a aplicação das técnicas de coleta de dados que foram estabelecidas no projeto, ou seja: A aplicação de entrevistas semiestruturadas realizadas de maneira virtual e individual, não havendo desconforto ao voluntário, que pode se recusar a responder qualquer das perguntas feitas e retirar o consentimento a qualquer momento. Antes da realização das entrevistas e após a assinatura do presente Termo, serão encaminhados ao participante o roteiro da entrevista, para que possa realizar tomada de decisão informada e escolher responder ou não às perguntas que serão feitas, com base no conteúdo que se pretende discutir. O consentimento será previamente apresentado e, caso concorde em participar, será

considerado anuência quando responder à entrevista. No caso de coleta de dados pelo ambiente virtual, declaro estar ciente dos riscos inerentes à utilização das tecnologias digitais, pois, como é de conhecimento amplo, frequentemente, contas de e-mail e outros dados podem ser acessados por pessoas mal intencionadas, os hackers. Entretanto, a pesquisadora não será responsável por eventuais vírus ou malwares já existentes no aparelho do participante, que possam, de algum modo, utilizar seus dados para outros fins. Declaro estar ciente dos riscos da pesquisa que são: “Responder a questões sensíveis a respeito da prática de violência no ambiente de trabalho, mais precisamente o Bullying; Ter o tempo tomado ao me submeter as entrevistas; Ter o risco de invasão da privacidade; Responder a questões que possam me deixar desconfortável”. Contudo, declaro estar ciente também dos benefícios apontados nessa pesquisa que são: Compreender o fenômeno bullying a partir de um novo olhar sociológico acerca dessa problemática que contribuirá para o fomento da discussão envolta dessa realidade que ainda parece ser incompreendida na sociedade, além disso, discutir essa problemática que cerca o universo escolar atualmente e que traz tantos malefícios para os envolvidos. A pesquisadora se responsabiliza a coletar os dados por meio virtual e será solicitado do participante o preenchimento do TCLE. À Pesquisadora, caberá o desenvolvimento da Pesquisa de forma confidencial, cumprindo as exigências da Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para ele. Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando, assim, a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. Ao final da pesquisa, todos os dados coletados virtualmente serão salvos em arquivo local, excluídos todos os armazenamentos “em nuvem”, ou em dispositivos online. Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários dessa pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica ou da Instituição Proponente. Ao haver qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimentos, o participante poderá contatar a Pesquisadora Responsável: Thamiris Porto Vasconcelos/(83) 98185-8181, ou o Professor Orientador da Pesquisa: Dr. Vanderlan Francisco da Silva/(83) 98716-8371. Também é possível a realização de contato pelos e-mails seguintes: thamirisportov@gmail.com (pesquisadora responsável);

vanderlansilva@uol.com.br (professor orientador). Ainda, é necessário esclarecer que a Pesquisa foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFCG (CEP/HUAC), com endereço na Rua Dr. Carlos Chagas, S/N, São José, Campina Grande/PB. E-mail para contato: cep@huac.ufcg.edu.br ou huaccep@gmail.com. Telefone para contato: (83) 2101-5545. Pertinente destacar que o endereço da Instituição de Ensino ao qual a pesquisa e o orientador estão vinculados (Universidade Federal de Campina Grande/UFCG) é o seguinte: Rua Aprígio Veloso, nº 882, Bairro Universitário, Campina Grande/PB. Ambos podem ser contatados pelo participante da pesquisa, durante sua realização ou após o seu término. Ao final da pesquisa, o participante poderá ter livre acesso ao seu conteúdo, podendo discutir os dados com a equipe de pesquisa. Vale salientar que esse documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em posse do participante. No caso da pesquisa virtual, o participante receberá em seu e-mail uma cópia do documento por ele assinado. Dessa forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos, e por estar de pleno acordo com o teor, dato e assino este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Aceito

Não Aceito

Nome completo:

Maior de 18 anos?

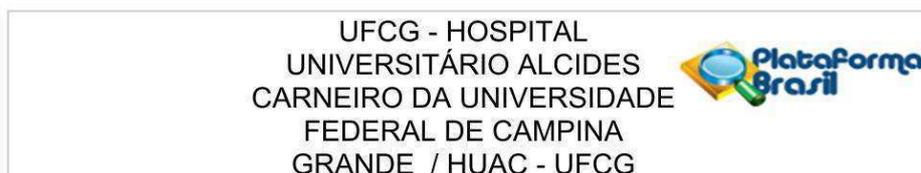
Sim

Não

Local e data:

ANEXOS

Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BULLYING ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS PROFESSORES A RESPEITO DA PRÁTICA DE VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE-PB

Pesquisador: THAMIRIS PORTO VASCONCELOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50179821.7.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.007.428

Apresentação do Projeto:

O presente estudo será realizado através de pesquisa de estudo de caso do tipo qualitativa. Tem como objetivo analisar a ocorrência do bullying escolar a partir das narrativas de professores de escolas públicas, tendo como lócus a cidade de Campina Grande no estado da Paraíba. Buscar-se-á entender de que forma esse fenômeno é visto e interpretado pelos professores, bem como analisar as formas que estes profissionais de diferentes instituições lidam com esse tipo de prática em seu cotidiano. Serão realizadas entrevistas com 8 professores que lecionam no ensino fundamental I e II, será dada a oportunidade dos participantes falarem sobre o fenômeno pesquisado e responderem a perguntas/tópicos que serão construídas previamente

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

•Analisar a ocorrência do bullying nas escolas públicas de Campina Grande-PB a partir das narrativas dos professores do ensino fundamental I e II.

Objetivo Secundário:

•Compreender como os professores das escolas públicas de Campina Grande entendem o

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.007.428

bullying;

- Investigar a maneira que o bullying é tratado pelos professores;
- Verificar os principais fatores que levam a ocorrência do bullying no ambiente escolar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: São apresentados pela pesquisadora os seguintes riscos possíveis: “Responder a questões sensíveis a respeito da prática de violência no seu ambiente de trabalho, mais precisamente o Bullying; Tomar o tempo do participante da pesquisa ao submetê-lo a entrevistas; Invasão de privacidade; Fazê-lo responder a questões que possam o deixar desconfortável”. Como forma de minimizar os riscos, a pesquisadora sugere garantir ao participante um local reservado onde ele possa falar tranquilamente; garantir a liberdade de escolha para não responder a questões constrangedoras; ficar atenta aos sinais verbais ou não verbais de desconfortos do participante, para caso haja algum este possa ser evitado; assegurar a confidencialidade e a privacidade dos participantes tais como: proteção de imagem e de identidade; assumir a responsabilidade de dar assistência ao participante caso exista algum dano ao mesmo.

Benefícios: Como benefícios da pesquisa são apontados “a compreensão do fenômeno bullying a partir de um novo olhar sociológico acerca dessa problemática o qual contribuirá para o fomento da discussão envolta dessa realidade que ainda parece ser incompreendida na sociedade. Além disso, a pesquisa proposta mostra a emergência de discussão dessa problemática que cerca o universo escolar atualmente e que traz tantos malefícios para os envolvidos”.

Verifica-se que descrição de riscos e benefícios do estudo estão de acordo com o que preconiza a Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa se apresenta com boa estrutura, objetivos e metodologia adequada. Apresenta relevância científica e social, por se tratar de um tema que envolve contribuições para a educação, psicologia escolar, desenvolvimento infantil e saúde mental.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os seguintes documentos obrigatórios foram apresentados os quais não necessitam de nenhuma adequação, a saber:

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.007.428

- 1- Informações básicas do projeto;
- 2- TCLE;
- 3- Termo de anuência assinado;
- 4- Projeto de pesquisa detalhado;
- 5- Termo de compromisso dos pesquisadores devidamente assinado;
- 6- Folha de rosto devidamente assinada;
- 7- Instrumento;
- 8- Orçamento;
- 9- Cronograma;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências, estando, portanto, apta para a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1768086.pdf	03/09/2021 18:08:21		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_bullying_atualizado.pdf	03/09/2021 18:06:44	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Cronograma	cronograma_atualizado.pdf	03/09/2021 18:02:52	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_atualizado.pdf	03/09/2021 18:01:43	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_assinado.jpeg	27/07/2021 15:26:48	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_compromisso.pdf	15/06/2021 11:05:55	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	15/06/2021 11:01:12	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta.pdf	10/06/2021 16:17:44	THAMIRIS PORTO VASCONCELOS	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	10/06/2021	THAMIRIS PORTO	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 5.007.428

Orçamento	Orcamento.pdf	15:44:56	VASCONCELOS	Aceito
-----------	---------------	----------	-------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 29 de Setembro de 2021

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br